

CAPÍTULO XIII

A união com o Santo Anjo Guardião efetuada e a alma tendo sido assimilada à essência interior do esplendor e glória do Anjo, o mago procede com o sistema de Abramelin à evocação dos espíritos e demônios com o intento de subjugar-los, e conseqüentemente com eles a totalidade da natureza, ao domínio de sua *vontade* transcendental. Pode parecer à primeira vista que tal parte se seguindo à exaltação da parte precedente do livro constitui um declínio a partir da sublimidade, estando, ademais, na natureza de um anticlímax. É difícil negar que o êxtase e a elevada irrepreensibilidade espiritual do livro sejam um pouco maculados pelo acréscimo dessas coisas à marcante dignidade da *Operação de Abramelin*. Aleister Crowley se empenhou numa oportunidade em fornecer uma adequada explicação racional para isso. "Há" ele argumenta, "...uma razão. Qualquer um que dá ensinamento de um novo mundo tem que se conformar com todas as condições dele. É verdade, está claro, que a hierarquia do mal se afigura um tanto repugnante à ciência. É, com efeito, muito difícil esclarecer o que queremos dizer dizendo que invocamos Paimon, mas, se pensarmos com um pouco mais de profundidade, veremos que o mesmo se aplica ao Sr. Smith ao lado. Desconhecemos quem é o Sr. Smith ou qual o seu lugar na natureza ou como responder por ele. Não podemos sequer estar seguros de que ele existe. E, todavia, na prática, nós chamamos Smith por este nome e ele atende. Através dos meios apropriados, somos capazes de induzi-lo a fazer para nós aquelas coisas que se coadunam com sua natureza e poderes. A questão toda é, portanto, a questão da prática, e se nos basearmos neste padrão, descobriremos que não há nenhuma razão em particular para nos desentendermos com a nomenclatura convencional."

O método proposto por Abramelin para convocar os *Quatro Príncipes do Mal do Mundo* é constituído por quadrados mágicos contendo, em certas formações, várias letras e vários nomes. Estes quadrados quando carregados e energizados pela vontade mágica, estabelecem uma tensão magnética ou elétrica na luz astral à qual certos seres que se harmonizam com essa tensão reagem executando atos ordenados pelo mago. Independentemente da *evocação* dos demônios no *terraço* há quadrados desenhados e descritos por Abraão para a realização de quase todos os desejos que poderiam ocorrer ao um ser humano. Não pretendemos descrever aqui este capítulo final* do livro de Abramelin que contém os quadrados e fórmulas práticas de evocação, porquanto este último constitui o ramo menos importante desse sistema. Em todo caso, este assunto em particular vincula-se a outros textos mágicos que eu desejaria descrever com brevidade. Permitiu-se infelizmente que estes trabalhos, como *A Magia Sagrada de Abramelin*, ficassem esgotados e não fossem mais publicados, sendo para todos os efeitos praticamente impossíveis de serem obtidos salvo por aqueles que têm acesso a um museu ou uma grande biblioteca. Tenciono abordá-los aqui porque dizem respeito àquele ramo da magia que é colocado em oposição à *invocação* e se refere à *evocação* e ao controle dos espíritos planetários e seres angélicos. Desejo advertir o leitor, contudo, chamando sua atenção para o fato de que o procedimento exposto por Abramelin é o melhor. Primeiramente deve haver o *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião* e então as *evocações*. E só menciono esta última coisa para que o leitor fique ciente da fórmula inteira embora não pretenda reproduzir muitas das instruções práticas. Os livros aos quais me refiro são *A Chave de Salomão, o Rei*, *A Goécia* ou *Pequena Chave de Salomão, o Rei* e *O Livro do Anjo Ratziel*. Esta última obra infelizmente nunca foi traduzida do hebraico para o inglês. Está claro, o rei Salomão, modelo através das eras da mais elevada erudição e sabedoria, foi naturalmente a figura a quem os

autores desconhecidos desses trabalhos atribuíram suas próprias composições a fim de que pudessem causar mais impressão e ter maior credibilidade. Não que essa fraude palpável faça a menor diferença pois se o sistema for funcional então Salomão será uma figura tão boa ou tão ruim para se atribuir discursos e instruções mágicas quanto, por exemplo, um hipotético ser inexistente como *Yossel ben Mordecai*. Ademais, omitir seu próprio nome e dar o crédito a algum outro indivíduo pelo próprio trabalho encerra uma certa abnegação do *ego*. Os livros em si e o sistema mágico neles contido constituem a matéria de interesse; a autoria nestes casos não tem a menor importância.

* Não se trata do capítulo final, mas sim de toda a *parte final*, ou mais exatamente do *terceiro livro*, que é a parte final de *O Livro da Magia Sagrada de Abramelin, o Mago*. (N. T.)

A necessidade dos ritos de evocação é realmente extremamente simples. A despeito do objeto supremo da magia ser o conhecimento do *eu superior* e embora para a vontade qualquer coisa além deste objetivo supremo ser *magia negra*, é às vezes necessário redispôr tanto os materiais quanto o cenário das operações, bem como fazer preparações para o aprimoramento do *Ruach* a ser oferecido em sacrifício ao *amado*. Para diferentes indivíduos em diferentes ocasiões essas preparações devem naturalmente variar. Considerando-se que o *Ruach* precisa ser renunciado e imolado na pedra sacrificial do altar como uma oferta ao *Altíssimo*, e considerando-se que denota uma certa mediocridade e puerilidade de devoção sacrificar uma vítima maculada, poderá ser necessário para alguns teurgos envolver-se com todas as espécies de práticas para o atingimento de finalidades que para outros possam ser completamente desnecessárias. Por exemplo, um aprendiz pode se achar embaraçado com uma má lembrança que pode obstruir a sagrada recordação da *visão e do perfume*; é possível que um outro seja incapaz de reagir a certos estímulos emocionais, e um terceiro possa se achar sob o fardo de uma perspectiva estultificada da vida, cuja pobreza se opõe inteiramente à intensa generosidade e à fecunda liberalidade que são inerentes à natureza. A tarefa mágica imediata em tais casos é aperfeiçoar o veículo imediato através do qual o Santo Anjo Guardião deve se manifestar. É em vão que são vertidos o elixir da vida e o vinho ambrosial num recipiente quebrado ou sujo e é preciso procurar um remédio adequado para essas deficiências. Em última instância, quando ocorre a rendição final do *Ego* no casamento místico com o *amado*, e o *Ego* é imolado no altar, nenhum complexo disforme maculará o arrebatamento do êxtase espiritual da união, nem será a vítima sacrificial deficiente em qualquer coisa que seja agradável aos deuses, ou carente de qualquer faculdade que se revele uma vantagem para o crescimento ou a vida suplementar da flor dourada no interior de sua alma. Assim pode-se julgar imperativo adiar por enquanto a *Operação do Santo Anjo Guardião* a fim de suprir instrução conveniente para a *Noiva* em suas obrigações para com o *Filho do Rei*; devotar-se no começo não à *magia da luz* mas às *evocações da goécia*. Várias partes da mente e da alma podem ser tão falhas a ponto de exigir um esforço mágico especial para seu estímulo e reparo, quer dizer, quando métodos seculares ordinários se revelaram ineficazes. Em tais casos é permissível e legítimo dedicar-se preliminarmente aos ritos de *evocação*, de modo que por intermédio de seus recursos toda faculdade do indivíduo possa reassumir o funcionamento pleno e normal. Pode ser necessário evocar algumas das entidades, por exemplo, elencadas entre as *Setenta e duas Hierarquias* de *A Pequena Chave de Salomão, o Rei* visando intensificar as faculdades emocionais, beneficiar a lógica, a razão, a memória e algum outro departamento do pensamento e da mente. Assim, quando a *goécia* instrui que o espírito chamado "*Foras*" ensina "as artes da lógica e da ética" significa que através do estímulo de um certo aspecto da mente

resultante de um tipo particular de operação mágica as faculdades mágicas são melhoradas e estimuladas.

Gostaria de chamar a atenção para uma hipótese mágica que legitima o uso contínuo da evocação de seres angélicos e planetários antecedendo ao *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião*. Ela defende que a busca das artes da *evocação* pode ser com a finalidade de preencher as lacunas da escada pela qual a alma pode ascender às alturas do céu. É por meio deste método que o teurgo adquire uma sólida base quadrangular para sua pirâmide de realização. É inútil, argumenta m os proponentes deste sistema, contemplar um edifício tão exaltado como o ápice de uma pirâmide elevando-se pelas nuvens a menos que a fundação esteja muito firmemente estabelecida sob o solo a fim de servir de base e suporte seguros e inabaláveis ao espírito que aspira. Enquanto a aspiração da alma for pura, de motivos honestos e isenta do mero desejo egoísta do poder, pouco dano poderá advir ao mago na sua atividade com a técnica da *evocação*, contanto, é claro, que as precauções ordinárias de c ompletos banimento e consagração do *círculo* e do *triângulo* sejam tomadas. Mas, diz-se, que através deste método o mago imita a operação e progresso da totalidade da natureza. Nela, sua grande guia e modelo, ele vê que nenhum passo rumo ao crescimento é tomado subitamente sem longas medidas preliminares ou preparo de alguma espécie; tudo procede ordenada, harmoniosa e gradualmente, passo a passo, com devido cuidado, seqüência e escalonamento. É esta harmonia e ordem que ele procura trazer ao seu próprio trabalho. É preciso que comece seu trabalho na base da superestrutura, assentando cada tijolo a ser incorporado a essa grande pirâmide com o mais extremo cuidado, zelo e devoção, dispondo camada sobre camada, não negligenciando um único estágio sobre o qual a torre deverá sempre se elevar. Gradativamente, à medida que esta ampla base piramidal de realização se desdobra, alteando-se tanto dentro quanto acima sobre uma fundação firme, tornada segura pelas evocações e sustentada pela aspiração d o mago, este tende a descartar as coisas menores na medida em que a necessidade destas se torna menos óbvia, e ele se torna mais unidirecionado e devoto até que o coroamento de seus esforços transborda na consecução suprema. Neste caso, a consecução se alicerça numa base sólida, não uma base construída sobre areias movediças que o mero sopro do vento poderia derrubar; o *Conhecimento e Conversação* está enraizado no próprio espírito e corpo do ser integral, e aí não existe nenhum perigo em absoluto de uma iluminação que leve o mago a uma obsessão de uma idéia fanática, ou à destruição do equilíbrio de sua mente.

A base racional dos poderes conferidos pela evocação e a realidade dos espíritos não se encontram muito distantes para nossa busca se considerarmos a psicologia patológica por um momento. O fenômeno da evocação pode ser comparado a uma neurose ou complexo sutis presentes em nossas mentes, os quais nos achamos incapazes de eliminar ou descartar a não ser por algum meio que nos capacite a defini-los claramente e determinar sua causa. Este conhecimento lhes outorga uma forma consciente e racional precisa, que pode, então, ser francamente encarada e banida para sempre da mente como um impulso perseguidor e perturbador. O psicanalista é incapaz de ajudar um paciente neurótico particularmente ruim que sofre de uma neurose grave até que ele lide com o *inconsciente* por meio de sua técnica e descubra a causa da existência dos conflitos tipificados por essas neuroses. Este exame do conteúdo da mente, ou de alguma porção da mente e da memória, transmite clareza e coerência à causa neurótica subjacente, e o paciente percebendo claramente a forma e a causa da psicose evocada, se capacita a dissipá-la e bani-la. Enquanto o complexo for um impulso subconsciente oculto, espreitando destituído de configuração ou forma no *inconsciente* do paciente,

ainda possuindo força suficiente para romper a unidade consciente, não pode ser adequadamente confrontado e controlado. A mesma base racional subjetiva é extensiva ao aspecto *goético* da magia, a evocação dos espíritos. Enquanto no interior da constituição do mago jazem ocultos, descontrolados e desconhecidos esses poderes subconscientes ou espíritos que conferem a perfeição de qualquer faculdade consciente, o mago é incapaz de confrontá-los o mais proveitosamente possível, examiná-los ou desenvolvê-los visando modificar um e banir o outro do total campo da consciência. Eles têm que assumir forma antes que possam ser usados. Mediante um programa de evocação, entretanto, os espíritos ou poderes subconscientes são convocados das profundezas e lhes sendo atribuída forma visível no *triângulo* de manifestação, podem ser controlados por meio do sistema mnemônico de símbolos transcendentais e conduzidos ao âmbito da *vontade* espiritualizada do teurgo. Enquanto estiverem intangíveis e amorfos não se pode tratá-los adequadamente. Somente dando-lhes uma aparência visível por meio das partículas de incenso e os evocando ao interior do triângulo mágico é que o mago é capaz de dominá-los e com eles agir como quiser. A teoria subjetiva aqui empregada é sumamente conveniente para suprir uma explicação de fácil compreensão desse fenômeno da *evocação*, pois é perfeitamente possível comparar os espíritos ao conteúdo-idéia ou conteúdo-pensamento-subconsciente da mente que atua invisível, silencioso e amorfo nos negros abismos da mente. A atribuição a eles de uma forma tangível por uma imaginação propelida a uma atividade prodigiosa pelo processo de evocação, capacita o mago a subjugar a horda incipiente de pensamentos, paixões e memórias indisciplinados que eles são, atribuindo assim forma e ordem à hierarquia dos espíritos, e subordinando a riqueza de seu conhecimento e energia particulares a sua *vontade*. Isto por si só constitui a razão e necessidade do empreendimento de evocações antes de se ter atingido o *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião*, que é o ritual mágico supremo e maior.

De imediato, essa base racional proporciona uma definição das duas principais divisões da magia bem como uma distinta classificação das entidades espirituais hierárquicas. A invocação implica acima de tudo o mais a *convocação para dentro* do círculo da esfera humana de consciência, que é a definição do *círculo mágico*, de um deus ou do Santo Anjo Guardião. Nesta forma mais elevada de magia não há necessidade de triângulo exterior, pois o mago, tanto *círculo* como *triângulo* em um ser, está desejoso de mesclar sua própria vida com a vida maior de um deus e ceder seu próprio ser à vida maior de um deus. O *triângulo* implica manifestação e dualidade, a separação de um ser menor do teurgo. Na invocação a dualidade é uma maldição rematada, o propósito desse aspecto da teurgia sendo eliminar a dualidade. A evocação, por outro lado, é a deliberada conjuração ou o *fazer surgir* de uma entidade incompleta ou menor para dentro do triângulo de manifestação que é colocado longe da circunferência do círculo. As definições das duas figuras principais são muito importantes e úteis e devem, acho, ser sempre lembradas. O *círculo* é a esfera da consciência, una, integral e completa. O *triângulo* representa manifestação e separação, e é nesse ponto que um ser das trevas é trazido à luz dos limites ocultos do círculo interior. Pode-se presumir que um deus seja uma idéia completa e harmoniosa, coerente e absoluta dentro de sua própria esfera, um macrocosmo que tudo abarca ao qual o mago, que é um microcosmo, une a si mesmo dentro dos limites protegidos do círculo. Por outro lado, um espírito ou uma inteligência é um ser menor e embora por definição seja uma força semi-inteligente da natureza, é uma idéia que não é nem completa nem bem desenvolvida e compreende apenas uma consciência limitada e partitiva. No caso da evocação, o espírito é evocado para dentro de um *triângulo* limitado e protegido por nomes divinos, colocados no exterior do *círculo* sagrado e o mago dentro do *círculo* se posta em relação ao espírito como um

macrocosmo e um ser superior. Tal como a invocação de um deus inunda a consciência humana com uma onda estática da luz e vida divinas, o teurgo se posta como um deus e energizador do espírito. A finalidade da evocação é, em síntese, fazer intencionalmente salientar, por assim dizer, alguma porção da alma humana que é deficiente numa qualidade mais ou menos importante. Recebendo corpo e forma pelo poder da imaginação e da vontade, ela é, para usar uma metáfora, especialmente nutrida pelo calor e sustento do sol, e recebendo água e alimento pode crescer e florescer. A técnica é a assimilação de um espírito particular na consciência do teurgo, não por amor e rendição como é o caso na invocação de um deus, mas sim por comando superior e o gesto imperioso da *vontade*. Através desta assimilação, a ferida de Amfortas é curada, a deficiência é remediada e a alma do teurgo é estimulada de uma maneira especial, de acordo com a natureza do espírito.

O primeiro dos três livros relativos à evocação dos quais me proponho a falar aqui é *A Chave de Salomão, o Rei*. Este livro, de longe o mais notório de todos os livros de instrução mágica, foi traduzido em 1889 por S. L. McGregor Mathers para o inglês a partir de textos em latim e em francês. Ele próprio, estou informado, foi sumamente conhecedor do método e obteve sucesso no seu uso, tendo adaptado para o uso de seus próprios aprendizes um resumo científico abordando o processo de evocação em todas suas ramificações. Na opinião do tradutor, essa obra encerrava a fonte-matriz e o depósito central da magia cabalística. Nela é preciso que se busque a origem de muito da magia cerimonial da época medieval quando *A Chave* era estimada pelos melhores escritores do oculto e praticantes da magia como um trabalho da mais alta autoridade. Que serviu de instrução a Éliphas Lévi e lhe forneceu os dados nos quais foi baseado o *Dogma e Ritual de Alta Magia* é mais que provável pois deve ser evidente para quem quer que tenha efetivamente estudado Lévi com cuidado que a *Chave de Salomão* foi seu principal texto para estudo e prática. Embora ele não expresse franco reconhecimento como devedor por meio de muitas palavras, é a essa obra que ele se refere em suas vistosas observações relativas às *Clavículas do Rei Salomão*. No seu *Ritual de Alta Magia* ele cita uma invocação que atribui a Salomão, apresentando este ritual uma certa, embora não exata, semelhança e em sua construção e teor, à primeira conjuração da *Chave*, reproduzida no último capítulo de seu trabalho. *A Chave*, como um todo, com a exceção de vários capítulos inteiramente desprezíveis que lisonjeiam os apetites animais de ignorantes depravados, e que provavelmente são interpolações posteriores feitas no texto, é um dos mais práticos sistemas de técnica mágica existentes. Seu interesse capital está na evocação dos espíritos ou regentes planetários.

A questão obscura da efetiva existência de um original hebraico foi levantada em diversas ocasiões, e tanto P. Christian em sua *Histoire de la Magie* quanto S. L. MacGregor Mathers eram da opinião de que se tivesse havido um documento hebraico a partir do qual tenham sido feitas as traduções latina e francesa, este ter-se-ia perdido desde então. Waite mais ou menos se inclina para a dúvida de que tenha havido um texto hebraico, e outros escritores céticos acreditam que se trata simplesmente de uma falsificação medieval, menção de Salomão e de um autor hebreu sendo feita meramente para apresentar diante das mentes crédulas uma autoridade adicional por qualquer mérito e validade que o livro possuísse. Recentemente, entretanto, um manuscrito hebraico foi descoberto pelo dr. Herman Gollancz e um impresso em fac-símile foi publicado pela Oxford University Press em 1914. Após um exame deste trabalho publicado sob o título de *Sepher Maphteah Shelomo*, que corresponde a *O Livro da Chave de Salomão*, em hebraico, não posso admitir que a despeito da obra traduzida

para o inglês ter o mesmo título haja uma necessária conexão entre as duas. Seus conteúdos são completamente diferentes.

O sistema de magia exposto em *A Chave de Salomão, o Rei* é extremamente objetivo, estando enraizado na existência, independente de nossa própria consciência, dos deuses ou anjos que habitam os planetas. Sua *raison d'être* é o postulado de que a invocação deles pelo homem é uma possibilidade distinta, e que eles podem ser submetidos à vontade soberana do homem. A filosofia mágica postula a existência de uma entidade espiritual que é a alma ou *nômenon* por trás da casca visível de cada planeta. É o regente ou guardião da mesmíssima maneira que a alma no homem é a realidade metafísica oculta funcionando nas profundezas de seu ser. Esta é, por certo, a visão objetiva, e ao desenvolver esta teoria, os antigos sistemas atribuíam aos deuses dos planetas hierarquias de espíritos e inteligências menores bem como elementais, os administradores do movimento e atividade celestiais. Um diagrama de classificação dessas entidades é apresentado numa página anterior. É conhecimento ordinário que os dias da semana possuem um significado astronômico e que o domingo* é o dia do sol, a segunda-feira* o dia da lua, o sábado* o dia de Saturno, e assim por diante. Por este arranjo, como tem sido ensinado pela astrologia, em algum dia em particular a influência de um dado planeta e seu *regente* predomina e existe de uma forma mais poderosa do que em qualquer outro dia. Esta classificação é levada ainda mais longe em *A Chave*, e os magos medievais concebiam sistematicamente que certas horas do dia poderiam estar também sob a direta influência dos planetas. Por conseguinte, há em *A Chave* uma ampla lista das horas planetárias, indicando quais as horas específicas nos sete dias da semana são atribuídas a quais planetas e os nomes dos anjos que são regentes durante o desenrolar da hora. Assim, para tornar eficiente a evocação de um regente planetário, ou seu espírito e inteligência, uma cerimônia deve ser realizada não apenas do dia correto da semana, como quarta-feira ** para Mercúrio, como também durante a hora correta. Visto que Mercúrio é atribuído à oitava *Sephira* na Árvore da Vida, sua significação numérica é oito. Sua hora apropriada seria conseqüentemente a oitava hora que, de acordo com a tabela, é denominada *Tafrac* e seria suscetível de maneira peculiar às coisas mercurianas. Na oitava hora do dia de Mercúrio, que é quarta-feira, empregando as ervas, incensos, cores, selos, luzes, formas e nomes divinos que se harmonizam e são coerentes com a natureza tradicional de Mercúrio, o mago é mais facilmente capacitado a estimular a criatividade da *imaginação* e evocar ou a partir de sua própria mente ou a partir da *luz astral* a idéia ou espírito pertencente à categoria ou hierarquia denominada Mercúrio. Tendo escrito as conjurações apropriadas, a cerimônia é executada. O mago, envolvendo a si mesmo astralmente com a forma do deus que é atribuído à mesma *Sephira* da qual Mercúrio é uma correspondência – mas não se unindo à forma no caso de somente um espírito ou inteligência serem requeridos – e forçosamente dirigindo um poderoso fluxo de força de *vontade* sobre o *sigillum* do espírito, invoca o deus, suplica ao arcanjo e conjura o anjo que a entidade espiritual apropriada possa ser constringida a se manifestar fora do *círculo* no consagrado *triângulo da arte*, de acordo com os selos e os elementos coerentes e harmoniosos empregados. Embora esta técnica não esteja plenamente explícita em *A Chave* – já que o rudimentar método aí descrito seria comparável a um menininho pedindo ao seu pai para lhe dar alguns trocados – a experiência e a tradição têm demonstrado que os métodos egípcios se harmonizam muito bem com o método cabalístico de *A Chave*, e são mais conducentes à produção dos resultados desejados.

* Em inglês precisamente *Sunday, Monday* e *Saturday* respectivamente. (N. T.)

** Em inglês *Wednesday*, derivado de *Woden's day*, dia de Woden, o nome saxão de Odin. (N. T.)

Há capítulos do livro que tratam cuidadosamente das qualidades essenciais dos planetas e da variedade de diferentes operações que pertencem mais distintamente a um do que a outro, embora todas essas instruções sejam suplementadas pelo conselho principal de executar toda *operação* quando a lua estiver na crescente nos dias entre seu nascer e sua plenitude. Assim a evocação das forças de Marte nos dias e horas de Marte confere coragem, energia e força de vontade, enquanto que os períodos próprios do Sol, de Vênus e Júpiter se adaptam bem a quaisquer operações de amor, de benevolência e de invisibilidade. Operações para a aquisição de uma abundância de eloquência, conhecimento científico, profecia e a capacidade da adivinhação surgiriam na esfera de Mercúrio e assim por diante tal como foi formulado na astrologia. *O Mago* enumera os anjos relativos aos doze signos zodiacais e os períodos mais propícios para a evocação deles seriam no dia e hora do planeta regente e exaltado naquele signo. O método exato de construir o círculo mágico é dado com certos detalhes, bem como a maneira pela qual deve ser especialmente consagrado. Poderia acrescentar que embora *A Chave* afirme que o círculo deveria ser traçado na terra com a faca ou espada mágicas, o moderno teurgo pode traçar o círculo com suas cores apropriadas sobre um pedaço virgem de tela ou sobre o chão de seu templo, seja este de cerâmica, taco ou linóleo, traçando-o posteriormente no ar com a espada ou o bastão.

Um fato que faz de *A Chave* um dos únicos e mais importantes dos trabalhos mágicos disponíveis é ela fornecer excelentes ilustrações dos *pantáculos* e selos apropriados aos sete planetas, necessários para o uso como *lamen* e *sigillae* durante as cerimônias, mostrando também como deveriam ser construídos. Quando a lua estiver num signo do ar ou da terra, durante os dias e horas de Mercúrio, será o mais propício período para a confecção dos pantáculos e selos. O mago deve dispor também de uma câmara especial, se possível, independente com a devida privacidade onde, após a correta consagração e fumigação ascendente, é possível construir os pantáculos seja sobre metal, seja sobre papel limpo virgem. "Estes pantáculos são geralmente feitos do metal que mais se adequa à natureza do planeta... Saturno rege o chumbo, Júpiter o estanho, Marte o ferro, o Sol o ouro, Vênus o cobre, Mercúrio a mescla dos metais e a Lua, a prata. Podem também ser feitos com papel virgem exorcizado, escrevendo-se sobre ele com as cores adotadas para cada planeta, referindo-se às regras já indicadas nos devidos capítulos, e de acordo com o planeta com o qual o pantáculo se harmoniza; por este motivo a cor apropriada de Saturno é o preto, Júpiter rege o azul celeste, Marte o vermelho, o Sol o dourado ou o amarelo ou citrino, Vênus o verde, Mercúrio as cores mistas (via de regra o laranja, conforme as melhores tradições cabalísticas), a Lua o prateado ou a cor da *terra argentina*.";

É fornecida uma série similar de regras relativas aos mantos e vestes a serem usados cerimonialmente pelo *Mestre da Arte* e seus assistentes. Cada instrumento particular a ser empregado, bastão, espada, adaga, etc., e todos esses acessórios tais como incenso, pergaminho para os selos, cera para os pantáculos ou talismãs, e as coberturas de seda para os *sigillae* – devem ser cuidadosamente exorcizados para se tornarem puros, depois do que devem ser consagrados à obra em pauta. O sistema, em síntese, é um método completo, apresentando várias invocações e conjurações que resultam na evocação para aparição visível do espírito desejado, e com um pouco de engenhosidade o mago pode utilizar o esquema do sistema para quase qualquer finalidade. O procedimento efetivo, em breves palavras, da *operação* pode ser resumido como se segue: primeiramente,

deve haver a consagração e preparação das armas, instrumentos e a construção do círculo. Após um banimento completo, que o mago profira uma *oração* ou *invocação* geral ao *Senhor do Universo* ou ao seu próprio *Eu superior* para dar legitimidade à operação. Exemplos de um tal salmo são fornecidos no capítulo final deste livro. Isso concluído, a forma do deus apropriado deve ser assumida astralmente de maneira que a *máscara* encubra completamente o mago em *imaginação*, embora esta necessidade não deva ser levada ao ponto da identificação. Uma conjuração geral deve se seguir recitando a autoridade mediante a qual o mago atua, e enumerando os poderes que no passado produziram grandes resultados por meio de outros magos. Nesse ponto, a consciência do mago deve ter começado a se exaltar devido à queima do incenso, à psicologia dos mantos, ao lirismo e ao valor intoxicante da invocação com sua longa lista reverberante de nomes bárbaros e a enumeração de prodígios, comandos e imprecações, além do efeito desconcertante, por assim dizer, das luzes, figuras e selos. O clímax da operação, a manifestação do espírito, ocorre então quase automaticamente. A *Chave de Salomão* fornece em seguida mais ou menos o correto procedimento até que, quando o *espírito* apareceu sob forma visível e obedeceu ao mago, a *Licença para Partir* e o ritual de banimento devam uma vez mais ser recitados a fim de encerrar a cerimônia inteira.

Núm. Cores Plantas Pedras preciosas Perfumes Metais Nomes divinos

1 Branco Amendoeiro em flor Diamante Âmbar cinzento – Eheieh

2 Cinza Amarantho Rubi-estrela; turquesa Almíscar –

3 Preto Cipreste; papoula Safira-estrela; pé- Mirra; algália Chumbo Jehovah Elohim
rola

4 Azul Oliveira; trevo Ametista; safira Cedro Estanho El

5 Vermelho Carvalho; noguei- Rubi Tabaco Ferro Elohim Gibor
ra-vômica; urtiga

6 Amarelo Acácia; loureiro; Topázio; diamante Olíbano Ouro Jehovah Elohim
vinha amarelo ve Daäs

7 Verde Roseira Esmeralda Benjoim; rosa; Cobre Jehovah
sândalo vermelho Tsavoös

8 Laranja Móli; *Anhal*. Opala; esp. opala Estoraque Mercúrio Elohim
Lewinii ígnea Tsavoös

9 Púrpura *Manyan*; da- Quartzo Jasmim; ginseng Prata Shaddai

miana; *yohimba* l Chai

10 Mescla Salgueiro; lírio; Cristal de rocha Ditania de Creta – Adonai

hera Melech

Há uma página ou duas escritas por Francis Barrett em seu livro *The Magus* (que se descobriu terem sido citadas quase que ao pé da letra a partir de H. C. Agrippa) que podem ser muito úteis ao mago porquanto explicam o processo de consagração e preparação; e não apenas isto como também esboça um dos segredos da composição dos rituais, o da comemoração. Ele escreve:

"Portanto, quando você fosse consagrar qualquer *lugar* ou *círculo*, deveria tomar a oração de Salomão usada na dedicação e consagração do templo; teria, do mesmo modo, que abençoar o lugar aspergindo-o com água benta e tratando-o com fumigações ascendentes, e comemore nos santos mistérios da bênção; tais como estes, a santificação do trono de Deus, do Monte Sinai, do tabernáculo da promessa divina, do santo dos santos, do templo de Jerusalém; também a santificação do Monte Gólgota pela crucificação de Cristo; a santificação do templo de Cristo; do Monte Tabor pela transfiguração e ascensão de Cristo, etc. E invocando-se todos os nomes divinos que são significativos em relação a isso, tais como o lugar de Deus, o trono de Deus, a cadeira de Deus, o tabernáculo de Deus, o altar de Deus, a habitação de Deus, e os nomes divinos similares desta espécie, que devem ser escritos em torno do círculo ou do lugar a ser consagrado.

"E na consagração dos instrumentos e toda outra coisa que é usada nesta arte, você deve proceder de maneira idêntica, borrifando com água benta do mesmo modo, por fumigação, untando com azeite sagrado, selando-o com algum selo santo e abençoando-o com oração, e comemorando coisas santas pelas Santas Escrituras, coletando nomes divinos que são agradáveis às coisas a serem consagradas, como por exemplo, na consagração da espada é preciso que lembremos pelo evangelho 'aquele que tem duas capas' etc., e que no segundo de *Macabeus* é dito que uma espada foi divina e miraculosamente enviada a *Judas Macabeus*; e se houver algo semelhante nos profetas como 'tragam para vocês espadas de dois gumes', etc. E você deverá da mesma maneira consagrar experimentos e livros, e seja lá o que for de natureza similar, como escritos, gravuras, etc. borrifando, perfumando, untando, selando, abençoando com comemorações santas e chamando à lembrança a santificação dos mistérios, como a tábua dos dez mandamentos, que foram transmitidas a Moisés por Deus no Monte Sinai, a santificação do Antigo e do Novo Testamentos, e igualmente a da lei, dos profetas e Escrituras, que foram promulgadas pelo Espírito Santo; e mais uma vez existem para serem mencionados aqueles nomes divinos que sejam convenientes no caso, a saber, o testamento de Deus, o livro de Deus, o livro da vida, o conhecimento de Deus, a sabedoria de Deus e similares. E com tal tipo de ritos como estes é executada a consagração pessoal...

"É necessário observar que *votos*, *oblações* e *sacrifícios* possuem o poder de consagração, tanto real quanto pessoal, e eles são, por assim dizer, certas convenções entre aqueles nomes com os quais são feitos e nós, que os fazemos, aderindo fortemente ao nosso desejo e efeitos desejados, como quando sacrificamos com certos nomes ou

coisas, como fumigações, unções, anéis, imagens, espelhos e algumas coisas menos materiais, como caracteres, selos, pantáculos, encantamentos, orações, gravuras. Escrituras, do que falamos largamente antes."

A *Pequena Chave de Salomão, o Rei* ou *A Goécia* (palavra provavelmente derivada de uma raiz que significa "berrar" ou "gemitivo" se referindo possivelmente à técnica dos nomes bárbaros, uma característica das invocações do livro*) trata de uma descrição minuciosa de setenta e dois espíritos ou hierarquias de espíritos que a tradição afirma eram evocados e submetidos por Salomão. Foi por meio da ação deles e por meio deles que Salomão recebeu aquela sabedoria superlativa e aquele conhecimento espiritual que a lenda afirma lhe terem pertencido. Ao abrir o livro há uma definição da magia a título de prêmio nestes termos: "A magia é o mais elevado, mais absoluto e mais divino conhecimento da filosofia natural, avançado em suas obras e prodigiosas operações por uma compreensão correta da virtude interior e oculta das coisas, de sorte que agentes verdadeiros sendo aplicados aos *pacientes* adequados efeitos estranhos e admiráveis serão desse modo produzidos. Daí os magos serem profundos e diligentes pesquisadores da natureza; devido à sua habilidade, eles sabem como antecipar um efeito, o qual para o vulgo se afigurará como um milagre."

* do grego *goeteia*, fascinação, e posteriormente por extensão o significado pejorativo de charlatanismo, impostura, fraude. O grego *goēs* (htos) significa originalmente mago ou feiticeiro, e daí charlatão, impostor. (N. T.)

Quanto à opinião de Waite de que *A Goécia* se refere ela mesma à *magia negra*, tenho de discordar. Minha própria opinião é que Waite se inclina a classificar como magia negra qualquer método técnico que se mantém fora do âmbito consagrado de sua própria organização. O sistema delineado por Francis Barrett na parte de seu livro intitulada *Magia Cerimonial* é na realidade baseado na *Chave* e no livro de que ora nos ocupamos, bem como em *de Occulta Philosophia*, de Agrippa. Vários dos rituais que ele apresenta são tomados palavra por palavra, e com apenas umas poucas alterações e acréscimos secundários, de *A Goécia*. Embora dificilmente comparável a *Abramelin* em matéria de sublimidade e poder de concepção espiritual, *A Goécia* é, entretanto, um sistema relativamente fácil tanto de ser compreendido quanto de ser operado, pois também neste caso o mago não é sobrecarregado com tais exigências impossíveis e fantásticas como sangue de morcego, caveiras de parricidas e cabritos ou cordeiros virgens. Tudo o que o operador tem que observar a fim de alcançar o sucesso são algumas regras mais ou menos elementares. Como pré-requisitos mágicos para as evocações, é necessário que disponha de um equipamento composto de bastão, espada, capuz e um manto que cubra todo o corpo ou uma longa toga de linho branco com o qual trabalhar, bem como vários mantos ou casulas de cores diversas, que variam dependendo da operação e da natureza do espírito a ser conjurado. De hábito, deve haver o turíbulo com incenso especial, o azeite de unção para consagração e o talismã ou selo que o operador queira carregar. Seguem-se instruções relativas à natureza do *círculo mágico* e o *triângulo* que o acompanha, suas dimensões, cores, inscrições e os nomes divinos a serem empregados como proteção e pintados em cores ao redor tanto do círculo quanto do triângulo. Reproduzo aqui um tipo de círculo e triângulo recomendado por *A Goécia*. As palavras hebraicas em torno do círculo são os nomes das *Sephiroth* com as atribuições planetárias, os *nomes divinos* apropriados, arcanjos e coros angélicos.

((ilustr. – *Círculo e triângulo*))

A maior parte do livro diz respeito a uma descrição rigorosa dos *espíritos* e suas hierarquias. Os setenta e dois hierarcas são classificados em várias categorias: reis, duques, príncipes, marqueses e assim por diante, compreendendo naturezas boas, más e indiferentes. Na economia da natureza eles têm sua própria função particular, uma tarefa específica para executar e quando evocados e controlados pelo *invocador* e seus símbolos conferem uma certa faculdade, poder ou tipo de conhecimento como foi explicado anteriormente. Diversos métodos podem ser aplicados em sua classificação já que é possível distribuir o número deles entre os *quatro elementos* ou referi-los aos sete planetas, ou aos doze signos do zodíaco. Os selos de aparência estranha fornecidos em *A Goécia* como representativos das assinaturas dos *espíritos* devem ser usados no peito do mago, no reverso do *pentagrama* gravado sobre um *lamen* de metal de acordo com a posição, dignidade e caráter do *espírito* a ser convocado à aparição visível. Assim, o *sigillum* de um rei dos *espíritos* deve ser gravado sobre um *lamen* de ouro, enquanto que o de um duque deve sê-lo sobre cobre, o de um príncipe sobre estanho enquanto que a prata deve ser o material do *lamen* para a evocação de um marquês. Por meio deste método, os caracteres dos *espíritos* são mostrados pelos metais empregados na construção do *lamen*. Os reis são de uma dignidade solar; os duques são venusianos; os príncipes, jupiterianos e os marqueses dizem respeito à Lua. Devem ser observadas estações e ocasiões para a conjuração dos espíritos pois "tu deverás conhecer e observar o *período da lua* para teu trabalho, os melhores dias sendo quando a Lua tem 2, 4, 6, 8, 10, 12 e 14 dias, como diz Salomão, nenhum outro dia sendo aproveitável". O texto continua afirmando que os reis "podem ser submetidos das 9 até o meio-dia e das 3 da tarde até o pôr-do-sol; os marquês podem ser submetidos das 3 da tarde até as 9 da noite e das 9 da noite até o nascer do sol; os duques podem ser submetidos do nascer do sol ao meio-dia com tempo límpido sem nuvens; os prelados podem ser submetidos a qualquer hora do dia; os cavaleiros podem ser submetidos da aurora até o nascer do sol ou das 4 horas até o pôr-do-sol; os presidentes podem ser submetidos a qualquer hora, exceto no crepúsculo, à noite, a menos que o rei a que estão subordinados seja invocado; e os condes a qualquer hora do dia, seja nos bosques, seja em quaisquer outros lugares que os homens não frequentam, ou onde não há ruído."

((O hexagrama de Salomão))

Incluídas no domínio dos *Quatro Grandes Regentes* ou *Reis Elementais dos Pontos Cardiais* estão essas hierarquias dos setenta e dois espíritos. Há Amaimon no leste, Corson no oeste, Ziminiar no norte e Göap no sul, um quadrante cardinal específico devendo ser encarado pelo mago, o *triângulo* também apontando na mesma direção, em consonância com o regente do *espírito* a ser evocado. Não convém supor de modo algum que esses espíritos referidos em *A Goécia* sejam meros elementais, espíritos da natureza ou forças semi-inteligentes que arcam com a carga mecânica da natureza; pelo contrário, diz-se dispor a maioria deles de um grande séquito ou sub-hierarquia de espíritos elementais subordinados que os servem. Pode-se supor que sejam os assim chamados reis elementais, cuja função na ordem natural das coisas é apenas secundária relativamente ao governo dos principais deuses ou anjos planetários. Com efeito, Blavatsky sugere em *A Doutrina Secreta* que de forma alguma devem os reis ou deuses dos elementais ser confundidos com os próprios cegos e brutais espíritos elementais. Esses últimos, no máximo, são simplesmente usados pelos brilhantes deuses elementais como veículos e materiais luminosos com os quais se vestem.

A descrição de Paimon, por exemplo, é que ele ensina todas as artes e ciências e outras coisas secretas. "Ele é capaz de descobrir para ti o que a Terra é, e o que ela encerra nas

águas; e o que a Mente é, ou onde ela está; ou quaisquer outras coisas que possas desejar saber. Ele proporciona dignidade e confirma a mesma. Ele é para ser observado rumo oeste. Ele é da *Ordem dos Domínios*. Possui sob seu comando duzentas legiões de *espíritos* e parte deles pertence à *Ordem dos Anjos* e a outra parte dos *Potentados*." A *Goécia* também empreende a descrição da maneira pela qual ele faz sua aparição no *triângulo da arte* em que é evocado. Acompanhando-o em sua manifestação visível "apresenta-se ante ele também uma *hoste de espíritos*, como *homens* com trombetas e pratos bem sonoros e todos os outros tipos de instrumentos musicais." Uma outra entidade menor é Bótis, que é tanto um *presidente* quanto um *conde dos espíritos* e quando evocado "...narra todas as coisas passadas e futuras, e reconcilia amigos e inimigos. Comanda sessenta legiões de *espíritos*". Para mencionar mais um hierarca, temos Bifrons, chamado de *conde*, e cuja função é familiarizar a pessoa com a astrologia, geometria e outras artes e ciências, e nele também está contido o conhecimento das virtudes das pedras preciosas e madeiras, estando sob seu comando sessenta legiões de espíritos.

Entre os numerosos selos presentes neste livro de instrução mágica, há também um pentagrama a ser usado como um *sigillum* durante qualquer operação mágica, com o propósito de proteger o operador dos espíritos perigosos, e também para restaurar sua confiança no poder da *vontade*. A ilustração da página ... (*Sigillum* do Pentagrama) apresenta o desenho dessa figura. É para ser usado sobre o peito do mago como um *lamen*, o lado inverso tendo o selo do espírito para ritualizar a ser evocado. Em vários estágios de uma cerimônia esse *sigillum* deverá ser levado erguido na mão aos pontos cardinais, onde o mago recitará uma exigência aos *espíritos* para que rendam obediência aos *sigilli* inscritos dentro do pentagrama. Outrossim, *A Goécia* ilustra um hexagrama que deve ser pintado sobre pergaminho de pele de bezerra a ser usado na borda do manto ou toga curta. As instruções que acompanham o desenho têm o propósito de indicar que essa figura deve ser coberta com um tecido de linho fino, branco e puro, e "... é para ser mostrada aos *espíritos* quando estes aparecerem, de maneira que sejam obrigados a assumir forma humana e prestarem obediência." Esse tipo de hexagrama é reproduzido em cores na página ...

Pouco conhecido dos aprendizes de magia da atualidade, já que jamais foi traduzido para o inglês, é um livro intitulado *O Livro do Anjo Ratziel*. Durante os últimos duzentos anos foi considerado pelos judeus como um depósito sagrado e mesmo hoje, entre os membros de uma seita corrompida quase-mística chamada de *Chassidim* – que incorporava outrora ensino e aspiração espirituais de grande excelência – esse livro é bastante venerado. Um dos seus rabinos informou ao presente autor que quando um membro de sua congregação está doente, uma cópia desse trabalho de magia é imediatamente levada ao leito do doente de maneira que possa ser colocada sob o travesseiro. É uma coletânea de escritos e visões de magia que não causam particular impressão, a maior parte distintamente rudimentar, que pretendem datar do *paraíso adâmico*, embora haja suficiente evidência interna a nos assegurar que ao menos três diferentes escritores em data não muito antiga contribuíram individualmente para o seu conteúdo, o conjunto tendo sido sintetizado por uma mão habilidosa. Houve uma época na qual era fácil obter tal obra. Atualmente, entretanto, esta obtenção é rara.

Como todos os nomes angélicos hebraicos, a palavra *Ratziel* é uma palavra composta, que produz quando analisada a frase "O Anjo do Mistério", que se concebe que seja o autor divino dos mistérios mágicos comunicados a Adão, o primeiro ser a receber esse conhecimento. Sua tradição segue quase exatamente aquela da lenda da ortodoxia

cabalística, segundo a qual expulso do paraíso que lhe estava barrado por um anjo que portava uma espada flamejante, Adão no exílio transmitiu o livro ao seu filho, que o revelou a Enoque. Enoque o passou às gerações sucessivas de patriarcas até que, finalmente, culminou, como o leitor pode ter antecipado, na comunicação de seu mistério ao Rei Salomão que, por intermédio deste mistério, conquistou todo o conhecimento, sabedoria e riqueza.

A obra como um todo está dividida em três partes principais, embora haja suplementos mais curtos que fornecem ao leitor fórmulas complexas, embora ambíguas, de amuletos e alguns talismãs e encantamentos de aspecto um tanto divertido, com instruções altamente elaboradas para seu uso e emprego correto. Muito espaço é reservado ao estudo da angelologia, fonte da qual um grande número de autores posteriores bebeu, e no começo há conselhos referentes à evocação desse anjos à aparição visível, as instruções variando de acordo com dia, hora, mês e estação. A caminho do desfecho do livro há uma longa oração ou invocação, apostrofando Deus numa maneira hebraica exemplar como o Rei, percorrendo o alfabeto inteiro diversas vezes a fim de descrever *Seus* atributos distintivos, todos os quais são fases de alguma força e função particulares do universo. Como sistema de técnica mágica é muito desfavoravelmente comparável com os dois livros previamente mencionados no que diz respeito ao efetivo *modus operandi* e o teor filosófico.

A primeira parte do livro, a única que consideraremos nestas páginas visto que suas duas últimas partes são comparáveis à *Goécia* e à *Chave* já descritas, é singular pela razão a seguir. Procura descrever a completa organização do céu, ou as várias camadas ou planos da luz astral. A essência da visão é uma descrição do céu ao qual Noé foi carregado por dois anjos de aspecto ígneo, embora muito pouco disto tenha importância acrescentando algum conhecimento ou provendo alguma nova informação elucidativa daquilo que já detemos. Um céu, o terceiro, é caracterizado pelo *vidente* como sendo o lar, por assim dizer, das almas ou deuses interiores do sol e das estrelas, o primeiro sendo atendido por inúmeras fênixes, as quais simbolizam regeneração e imortalidade. Noé era atendido por quatrocentos anjos que toda noite removiam sua coroa para levá-la ao *Senhor do Céu* e a devolviam toda manhã quando eles próprios o coroavam. Hostes de anjos, armados com espadas resplandecentes para o julgamento da humanidade e os mensageiros das decisões do *Altíssimo* eram vistos no quarto céu, e simultaneamente esses espíritos armados cantavam e dançavam diante de Deus com o acompanhamento de pratos. Sua visão estendendo-se ao quinto céu revelava a Noé quatro diferentes ordens de *sentinelas*, os quais, ao mesmo tempo que lamentavam seus anjos camaradas uma vez decaídos, estavam ainda cantando e fazendo soar continuamente quatro espécies diferentes de trombetas em louvor de Deus. No sexto céu havia legiões resplandecentes de anjos, mais resplandecentes e esplêndidos que o sol quando brilha na plenitude de sua força. Havia arcanjos, também, e neste céu Noé viu como todas as coisas eram ordenadas e planejadas, com os protótipos de todas as coisas vivas e almas de toda a humanidade. No meio da visão gloriosa, ele viu sete criaturas arcangélicas, cada uma com seis asas, cantando num uníssono absoluto. O céu mais elevado foi visto como uma luz ígnea, povoada por arcanjos e seres e poderes incorpóreos, havendo também o rosto de Deus fulgurante de luz celestial, emitindo chispas do mais puro fogo e chama.

Muito da confusão que caracteriza as visões e tentativas em magia dos amadores pode ser largamente atribuído, acho, à omissão de alguns desses dispositivos preliminares como o *Ritual de Banimento do Pentagrama*, com a consequência de que a despeito da

pureza e elevada disposição do vidente, a esfera de percepção é invadida por quaisquer entidades que possam estar nas vizinhanças astrais. Nem sempre é a obsessão ou a possessão elementar o clímax da omissão do adequado banimento, mas pelo fato de entidades indesejáveis passarem sem barreira diante da visão interior, não haverá qualquer continuidade ou consistência na visão. Conseqüentemente, ao registrá-las, o vidente, mais ou menos temeroso de confiar em seu próprio discernimento nesses elevados assuntos, relata a visão inteira juntamente com os pontos não-essenciais. Isto ocorre em vários exemplos, e é apenas quando a esfera astral é extraordinariamente vigorosa e radiante, possuindo uma luz espiritual através da qual nenhuma entidade astral *ousa* invadir, a menos que o faça com permissão do vidente, que as visões podem ser empreendidas com segurança sem o banimento de proteção preliminar.

Há uma outra matéria de caráter preventivo que deve ser mencionada caso o leitor deseje testar essas coisas. Ao fazer uso dos selos e *sigilli* exibidos em tais obras como *O Livro do Anjo Ratziel* e *The Magus*, corre-se muito perigo, principalmente devido aos grosseiros erros e falhas de impressão do hebraico que foram perpetuados. É difícil dizer se foram acidentais ou causados inteiramente pela ignorância dos escribas. Não é difícil, contudo, compreender que se o objetivo do selo é estabelecer uma marca na luz astral à qual uma entidade correspondente se apresse em responder, um erro na inscrição textual provocará um erro similar no tipo de marca astral. O resultado disto é que o efeito será bastante diferente daquele que se espera, e mesmo prejudicial e perigoso. E isto exige, acima de tudo, conhecimento e capacidade para apurar a existência dos erros e corrigi-los. Sob o risco de tornar a prescrição desagradável para o leitor, é imperioso que se reitere que é indispensável um conhecimento da Cabala ao praticante da magia. Deve haver uma familiarização com a *Gematria*, o *Notariqon* e a *Temurah* – os três métodos envolvendo o uso esotérico do número; do mesmo modo, com aquele aspecto da filosofia que trata do simbolismo das letras hebraicas, do alfabeto mágico dos símbolos, nomes, números e idéias que se prende aos *Trinta e Dois Caminhos da Sabedoria*. Embora haja uma grande quantidade de erros crassos aparentes nos *sigillae* e text o impresso em hebraico mostrado por Barrett, o texto impresso oferecido em inglês, todavia, é absolutamente preciso e útil, podendo ser consultado pelo leitor sério muito proveitosamente. A *Secret Doctrine in Israel (Doutrina Secreta em Israel)* de Waite e sua *Holy Kabbalah (Santa Cabala)* sejam talvez as melhores obras possíveis de serem obtidas que oferecem um esboço inteiramente bom do teor doutrinário da Cabala. Os trabalhos de magia de Cornélio Agrippa, o *Liber 777* e *Sepher Sephi roth* de Aleister Crowley e o meu *Garden of Pomegranates (Jardim de Romãs)* serão de grande valia ao fornecerem o alfabeto fundamental com as atribuições corretas necessárias à compreensão dos selos e símbolos.

Por outro lado, desejo abordar uma importante analogia existente entre os processos da magia e da ioga. Esta analogia é efetivamente digna de consideração na medida em que argumentamos aqui que a ioga não deve ser colocada em oposição à magia e em superioridade a esta, estes dois sistemas constituindo, ao contrário, conjuntamente o que pode ser chamado de *misticismo*. Se supormos que nossas correspondências com as hierarquias mágicas representam fatos da natureza – não podendo haver por um único momento qualquer dúvida real – a base lógica filosófica que se pode vincular à magia como aqui a descrevi não estará muito distanciada daquela do *Caminho da União Real* tal como descrito por uma autoridade como Swami Vivekananda.

Discorreremos pormenorizadamente aqui a respeito de vários deuses cósmicos serem atribuídos às *Sephiroth* da Árvore da Vida, seres excelsos que são os regentes

inteligentes e guias dos processos evolutivos; a cada deus uma hierarquia apropriada está subordinada, os mensageiros imediatos que são *anjos*, *arcanjos*, *espíritos* e *inteligências*. Este sistema de classificação não se aplica somente ao macrocosmo, como também ao microcosmo. A base da Árvore da Vida foi de tal modo elaborada que se refere não só aos desenvolvimentos cósmicos como também às várias partes – psíquica, mental e espiritual – do próprio homem, focalizando assim o campo inteiro de atividade universal no interior do próprio organismo do homem. Os doze signos do zodíaco e os sete planetas são atribuídos à Árvore como um todo. Considerando-se o ser humano como um microcosmo do grande universo estelar e cósmico, todos os planetas, elementos e forças nele têm curso, e mesmo os signos do zodíaco estão claramente representados em sua natureza. A energia do *Carneiro** está em sua cabeça; o *Touro* concede resistência laboriosa e força aos seus ombros; o *Leão* representa a coragem de seu coração e o fogo selvagem de sua têmpera, enquanto os joelhos, ajudando-o a saltar, estão sob o signo do *Bode*. ** Isto, a título de exemplo, supre a base para uma teoria subjetiva tanto ontológica quanto epistemológica: o universo existe somente dentro da consciência do homem, é contérmino a esta consciência e suas leis são as leis da mente.

* Áries. (N. T.)

** Ou melhor, Capricórnio. (N. T.)

No meu trabalho anterior, *Garden of Pomegranates* [Jardim de Romãs] foi traçada uma correspondência diagramática entre as *Sephiroth* cósmicas, as várias *partes do ser humano* e os *chakras* ou os centros nervosos centrais que existem no departamento psico-espiritual da constituição humana. Outras atribuições à luz das especulações precedentes de imediato se revelam. As seguintes podem ser indicadas à guisa de exemplo, descrevendo para onde tendem minhas especulações. O *chakra Anahata*, que é o centro localizado no ou próximo do coração físico, sendo uma correspondência da sexta *Sephira* da harmonia e do equilíbrio, está assim em direta correspondência com *essências* sagradas como Osíris, Hélios, Mitra e o auto-resplandecente Augoeides. Thoth e todos os seus divinos atributos de *vontade* e *sabedoria* entram numa perfeita correspondência com o *chakra Ajna* situado no centro da testa acima dos olhos, enquanto que o mais elevado de todos os *chakras*, o resplendente lótus de mil pétalas, o *chakra Sahasrara*, localizado na coroa, onde Adonai se regozija, alinha-se completamente com Ptah e Amon, a essência cósmica oculta, o centro criativo secreto tanto do macrocosmo quanto do microcosmo. A adoção da teoria subjetiva traz consigo conclusões de largo alcance, e um verdadeiro entendimento deste ponto de vista fará com que se compreenda conscientemente a afirmação freqüentemente proferida com loquacidade de que dentro do ser humano existe o inteiro universo e o vasto concurso das forças universais. Minha teoria é que invocar *Ártemis* e *Chomse* e ter cooperado para se unir à *essência* que esses nomes representam, por exemplo, é ter realizado uma tarefa de suprema importância que é idêntica, devido a nossas correspondências, ao despertar das forças do *chakra Muladhara*, pondo assim em movimento a serpente *Kundalini* em sua ascensão da Árvore da Vida até a Coroa. Enquanto um sistema atingia seus resultados através de ritual e invocações, o outro atingia o sucesso através de concentração e meditação. Ter atingido mediante a invocação mágica uma identidade indissolúvel com a sabedoria suprema de Tahuti é ter conquistado o poder claramente de ver através do olho interior da *sabedoria verdadeira*, porquanto é equivalente a um estímulo por meio de meditação do *chakra Ajna*, o órgão de clarividência espiritual e da *vontade criadora*. Ademais, ter unido a consciência individual através dos ritos da teurgia com *Asar-Un-Nefer*, e ter sido assimilado a sua glória e inefabilidade, é

comparável a ter guiado a *Kundalini* para *Sushumna* até o cérebro, e despertado as forças potenciais no *chakra Sahasrara*.

Na própria ioga, como pode claramente ser percebido num trabalho como *Raja Yoga* de Vivekananda, ou na adaptação aproximadamente européia de seus fundamentos, *The Way of Initiation* [O Caminho da Iniciação], de Rudolf Steiner, os resultados desse sistema – na medida em que diz respeito à formulação e vivificação dos *chakras* – são produzidos quase que inteiramente pelo exercício da *vontade* e da *imaginação*. Com frequência estes e outros autores escrevem: "*Imagine* uma chama ou um triângulo branco no coração" ou "um lótus acima da cabeça," e assim por diante. O despertar do esplendor enrodilhado da *Kundalini* nas câmaras espinhais do *chakra Muladhara* é cercado de intensa concentração e o *imaginar* de um novo tipo de atividade espiritual naquela região, fazendo a deusa-serpente adormecida endireitar suas espirais e projetar-se com ímpeto por *Sushumna* ao assento de seu *Senhor interior*. A magia, embora empregando uma técnica táctica diferente daquela da ioga, está semelhantemente fundamentada, como me empenhei em demonstrar com certos detalhes, no uso da *vontade* e da *imaginação* com dispositivos para estímulo dessas duas faculdades numa cerimônia bem ordenada visando ao atingimento dos mais elevados resultados espirituais. E as advertências da ioga não são menos rigorosas ou verdadeiras do que aquelas que gozam de reconhecimento na magia. Por meio da vitalização dos *chakras* bem como por meio da invocação dos deuses seguida pela evocação dos espíritos administrativos, vários poderes de força e potência tremendas podem ser conferidos ao praticante. Aqueles que *A Goécia* atribui aos *espíritos* incluem um desenvolvimento espontâneo de um conhecimento até então latente da ciência, filosofia e artes em suas conotações mais latas e um enriquecimento das mais excelentes faculdades emocionais que atrairão todos os homens para o fogo central de cada um. Os poderes descritos por Patanjali nos *Yoga Sutras* como sendo conferidos por *Samyama* em algum *chakra* ou idéia são quase idênticos aos concedidos ao mago como resultado das evocações de *A Goécia*.

Desgraçado aquele, contudo, que atuar na cobiça dos poderes, pois para ele os deuses permanecerão silenciosos e não haverá resposta! Os *espíritos* se voltarão maliciosamente para ele e o despedaçarão da cabeça aos pés. Se poderes são outorgados ao mago, deverão ser dedicados ao Santo Anjo Guardião. Ademais, a serpente do *Ruach* deve ser incapacitada a ponto de não se recuperar mais, tendo que ser morta de modo que não possa haver restrição à presença do *Anjo*. Então poderão os poderes ser assumidos e sendo assumidos ser usados como o *Anjo* julgar adequado. Tanto na ioga quanto na magia é o aspecto de consciência da meditação e as invocações ao deus o mais importante do trabalho. Se ocorrer que o praticante seja contemplado com poderes, ótimo... mas a meta primordial e sagrada nos dois sistemas é a expansão da consciência individual a uma extensão infinita e a descoberta do centro real da vida. Correta e honestamente exercida, com aspiração pura e única, a magia é capaz de conduzir a alma às alturas máximas da Árvore onde ela recebe, de acordo com Jâmblico, "...uma libertação das paixões, uma perfeição transcendente e uma energia plenamente mais excelente, participando do amor divino e de um júbilo imenso." E adicionalmente a expansão da consciência confere "... verdade e poder, retidão das obras e dádivas dos maiores deuses."

CAPÍTULO XIV

Onde uma certa quantidade de indivíduos deseja participar de uma cerimônia mágica composta na qual todos possam desempenhar um papel ativo, há uma forma de ritual de grupo concebida para essa finalidade particular chamada de *ritual dramático*. Assim, cada pessoa que participa contribui com força de vontade e energia a favor da criação de uma manifestação espiritual. Quase todos os *Mistérios* da Antigüidade assumiam essa forma, e os ritos de *Iniciação* das fraternidades secretas de todas as épocas eram conduzidos em conformidade com esse princípio. É fato extremamente bem conhecido os rituais serem particularmente úteis em matéria de iniciação. É igualmente corroborado que tais cerimônias desempenhavam um papel preponderante nos mistérios mágicos do Tibete, onde a aceitação de um *lanoo* era celebrada por um rito consagrando o discípulo à execução da Grande Obra. A história do ioga budista Milarepa é perfeitamente clara quanto ao importante ponto de nas mãos de seu *guru* ele ter recebido diversas iniciações cerimoniais, quando várias divindades e poderes espirituais foram invocados para dentro de um *círculo*, ou *mandala*, onde ele permanecia. Além disso, é conhecimento comum o fato de o candidato à iniciação bramânica testemunhar um ritual de purificação e consagração. Que havia rituais de iniciação no antigo Egito é também demasiado notório para exigir especial ênfase e o rumor de cerimônias mágicas no Egito nos alcançou enriquecido de muitos de talhes sugestivos e significativos itens de informação. Com efeito, se o princípio subjacente do ritual dramático de grupo, iniciático ou mágico, é a consagração da Grande Obra e a exaltação da consciência, então dispomos de incontestável evidência de que cerimônias concebidas similarmente foram representadas ao longo da Antigüidade.

O princípio básico é idêntico ao de todo ritual mágico, a invocação num sentido ou outro de um deus. Mas no caso do ritual dramático, o método procede através de um apelo estético à imaginação, retratando sob forma dramática a corrente dos eventos maiores na história da vida de um deus, e ocasionalmente o ciclo terrestre de um homem ideal ou homem-deus, tal como Dionísio, Krishna, Baco, Osíris, etc., alguém que atingiu aquela sabedoria e plenitude espiritual pelas quais o teurgo também está em busca. Viver na atmosfera de criação nova e repetir as façanhas realizadas pelo deus constitui um método sumamente excelente para a exaltação da alma. Essa idéia é chamada de princípio da *comemoração* e é um constituinte integral de toda cerimônia mágica. Da observação de *de Occulta Philosophia* fica bastante evidente que H. C. Agrippa e aqueles dos quais recebeu seu conhecimento entendiam perfeitamente o princípio teórico envolvido nessa forma de magia, o qual exige o ensaio do personagem do deus a ser invocado, ou uma repetição dos acontecimentos que ocorreram no ciclo de vida de seu emissário mundano. Não apenas deve este princípio fazer parte do ritual dramático aprovado, como também todo e qualquer aspecto da cerimônia mágica, seja realizado por um indivíduo ou um grupo, deve ser marcado pela entusiástica repetição de uma série de incidentes altamente significativos da história do deus, o ensaio servindo assim para dar autoridade e ênfase suplementares ao processo duplo de consagração e invocação. Mesmo num aspecto relativamente tão trivial como a preparação preliminar das armas e instrumentos, Agrippa corretamente recomenda a repetição das façanhas sagradas; e como um exemplo do princípio comemorativo que ele advoga, podemos citar com proveito o procedimento proveniente de *The Fourth Book of Occult Philosophy (O Quarto Livro da Filosofia Oculta)* para a consagração da água: "Assim, na consagração da água, devemos *comemorar* como Deus colocou o firmamento no meio das águas, e de que maneira Deus colocou a fonte das águas no paraíso terreno... e também como Cristo foi batizado no Jordão, tendo daí santificado e limpo as águas. Ademais, certos nomes divinos têm que ser invocados, que com isto estão em

conformidade; como que Deus é uma fonte viva, água viva, a fonte da misericórdia, e os nomes de tipo similar".

O leitor poderá, também, observar a forma comemorativa do ritual de *A Goécia*, que é citado no último capítulo deste livro. A invocação tenta descobrir as palavras de autoridade que foram empregadas nas Escrituras para a execução de certas proezas. Não constitui, entretanto, um exemplo especialmente bom desse tipo de ritual. *As Bacantes* de Eurípides é um exemplo de primeira categoria de qual forma deveria assumir um ritual dramático completo. O ritual deve ser construído de tal modo que cada celebrante desempenhe um papel, sem, ao mesmo tempo, tornar a ação do drama dispersa e incoerente. As regras da arte teatral e do drama se aplicam perfeitamente à construção desses rituais.

A evidência histórica a nossa disposição demonstra claramente que a "peça de paixão" da vida do grande deus Osíris, rei do *Tuat*, era realmente um complexo ritual dramático que o invocava, uma cerimônia comemorativa envolvendo a repetição de quase todos os atos que ocorreram a Osíris no curso de sua vida lendária na Terra entre os homens. Na base desta celebração e de todos os outros tipos similares, temos a invocação de um deus, ou do *avatar* em quem ele habita, e por meio desse ensaio dramático o teurgo procura exaltar sua imaginação e consciência de sorte que possa culminar na crise estática da união divina. Para o indivíduo cujo senso estético e poético é altamente desenvolvido, essa espécie de cerimônia é, *de longe*, a mais eficiente. É perfeitamente evidente que uma representação simbólica do que era antes um efetivo processo espiritual numa *personalidade* altamente reverenciada só pode auxiliar na reprodução da *união* colocando o teurgo em relação de simpatia e harmonia mágica – mediante o efeito em sua imaginação – com a tendência ascendente da peça para a meta suprema. Em suma, o teurgo *imagina* a si mesmo no drama sendo o deus que sofreu, ele próprio, experiências similares, as várias partes da peça e os rituais recitados servindo apenas para tornar a identificação mais completa. É este fato que levou certas gerações de magos precariamente iniciados a adotar para o uso cerimonial máscaras de verdade, itens grotescos e legítimos artifícios teatrais. Estaremos diante do tema central do ritual dramático quer escolhamos como exemplo a missa da Igreja Católica Romana, a realização do *ritual do Adeptus Minor* da Ordem Hermética da *Golden Dawn*, o Terceiro Grau da Francomaçonomia, ou a celebração das orgias dionisíacas tal como esboçadas em *As Bacantes*. Em cada caso a vida de um Adepto iluminado é ensaiada sob plena forma cerimonial, isto é, a história de um ser cuja consciência foi tornada divina é magicamente celebrada. O método de representação retrata um homem que morre real ou misticamente e que realiza sua própria ressurreição como um deus, irradiando sabedoria e poder divinos. Visto que Osíris era para os egípcios o melhor exemplo de alguém que superou sua humanidade e atingiu a união divina, assim passando para a posteridade como o tipo e símbolo de regeneração, vários capítulos e versículos do *Livro dos Mortos* representam o morto identificando a si mesmo como aquele deus dirigindo-se aos assessores no *salão do julgamento*. O ritual dramático que os egípcios realizavam para a invocação de Osíris em Ábidos era uma peça que parece ter consistido de oito atos. "O primeiro era uma procissão na qual o antigo deus da morte, *Upwawet*, tornava reto o caminho para Osíris. No segundo a própria grande divindade aparecia na barca sagrada, que era também colocada à disposição de um número limitado dos mais ilustres dos visitantes peregrinos. A viagem da embarcação era retardada por atos res vestidos como os inimigos de Osíris, Set e sua companhia... Seguiu-se um combate no qual ferimentos reais parecem ter sido dados e recebidos... Este evento parece ter ocorrido durante o terceiro ato, que era uma alegoria dos triunfos

de Osíris. O quarto ato retratava a saída de Thoth, provavelmente em busca do corpo da vítima divina. Seguiam-se as cerimônias de preparo para o funeral de Osíris e a marcha do populacho ao santuário do deserto além de Ábidos para inumar o deus em seu túmulo. Em seguida era representada uma grande batalha entre o vingador Hórus e Set, e no ato final Osíris reaparecia, sua vida recuperada, e adentrava o templo de Ábidos numa procissão triunfal*."

* *Os Mistérios do Egito*, Lewis Spence.

Não apenas havia os *Mistérios de Osíris*, no tempo em que os mitos ligados ao deus eram ensaiados, como também rituais de grupo para a invocação de Ísis, Hathor, Amon e Pasht e outros deuses eram celebrados sem referência a qualquer indivíduo humano cuja relação com eles fosse aquela de um *avatar*. Na missa católica a vida e o ministério divinos do *Filho do Deus cristão* são celebrados, em seguida a crucificação de seu salvador, e sua ressurreição final em glória seguiu a ida da assunção aos céus. Em épocas mais antigas, esta celebração da missa era acompanhada por procissões deslumbrantes e cortejos dos *mistérios* cheios de suntuosidade, esplendor e pompa, embora se deva confessar que na ausência da técnica mágica toda essa ostentação externa contava muito pouco. O Terceiro Grau dos maçons dramatiza o assassinato do *Mestre*, Hiram Abiff, e sua ressurreição se segue posteriormente por um ato mágico, o soar da palavra mágica perdida devolvendo H. A. à vida.

Os eventos, ricos em movimento, realização e organização na vida do lendário fundador da *Ordem Rosacruz*, Christian Rosenkreutz, também o símbolo de Jesus, o Filho de Deus, são totalmente dramatizados com grande beleza no ritual de *Adeptus Minor* da *Ordem da Golden Dawn*. Sua finalidade, também, é que através da simpatia atuando sobre uma imaginação refinada, o teurgo possa identificar a si mesmo com a consciência exemplar da qual *Rosenkreutz* era o símbolo, e cuja história está sendo repetida ante ele. Numa cena, a mais importante e eloqüente desse ritual, o principal oficiante hierofântico é visto deitado como se estivesse morto no *pastos* ou *túmulo* místico. Por meio de orações e invocações, o Adepto é simbolicamente ressuscitado da tumba em cumprimento da profecia da grande fundador. Na hora solene da ressurreição, quando a cerimônia revela a ressurreição do Adepto como Christian Rosenkreutz do *pastos* onde ele estava enterrado, o *Adepto Maior* profere triunfalmente: "Pois sei que meu *redentor* vive e que ele se postará no derradeiro dia sobre a Terra. Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém virá ao Pai a não ser por mim. Eu sou o *purificado*; eu atravessei os *Portais das Trevas* para a *Luz*; lutei sobre a Terra pelo bem; findei minha obra; eu adentrei o invisível. Eu sou o Sol no seu nascer. Eu passei através da hora nublada e noturna. Eu sou Amon, o Oculto, *aquele que abre o dia*. Eu sou Osíris Onnophris, o Justificado. Eu sou o *Senhor da Vida* que triunfa sobre a *Morte*; não há nenhuma parte de mim que não pertença aos deuses. Eu sou o preparador da *senda* e aquele que resgata para o interior da *Luz*. Que aquela Luz surja das Trevas! Antes eu era cego, mas agora vejo. Eu sou o reconciliador com o inefável. Eu sou o habitante do invisível. Que o *brilho alvo* do *Espírito divino* desça!

Essa peña de êxtase não é para ser interpretada como um mero discurso de palavras grandiloqüentes. Se o Adepto realizou adequadamente sua obra mágica, e se encobriu perfeitamente com a forma mágica apropriada, e se identificou com a consciência do deus, os outros participantes da cerimônia experimentarão uma exaltação paralela ao discurso de triunfo.

As formas mais usuais do ritual dramático tais como aplicadas às iniciações funcionam aproximadamente mais ou menos da maneira que se segue. Após sua entrada nas câmaras externas do *Templo de Iniciação*, onde ele é imediatamente vendado, vestido com um toga preta e circundado três vezes pela cintura com um cordel, o neófito é conduzido pelo *guardião* às estações onde estão presidindo oficiantes nos pontos cardeais. O objetivo da venda é representar a cegueira da ilusória vi da mundana e a ignorância nas quais o ser humano incorrigível se debate, vítima involuntária da tragédia perpetuamente representada de nascimento, decadência e morte dolorosos. O cordel é triplo para representar os três elementos maiores: fogo, ar e água; a toga é preta para representar também o negrume da vida e Saturno, que é morte, o grande *ceifador* de tudo. O neófito circumperecorre o templo diversas vezes, e durante seu circumperecurso os oficiantes, que deverão ser no futuro seus instrutores mágicos e que igualmente representam os deuses sumamente benfazejos, exigem do neófito as afirmações de seus objetivos e aspirações. Este procedimento automaticamente chama nossa atenção para o *Livro dos Mortos*, onde no capítulo CXLVI e naqueles que se seguem a este, os *anjos* e os *deuses* encarregados dos *pilones* sagrados ou as grandes estações a serem ultrapassadas pelos mortos a caminho do *Amentet*, indagam destes últimos seus negócios. Como reação à sua resposta de que o nome do guardião é conhecido – com cujo conhecimento o nome não é senão um símbolo – e que ele vem para responder a Thoth, conseqüentemente em busca da sabedoria superior, cada um deles lhes dão permissão para prosseguir. "Passa, diz a *sentinela do pilone*. Tu és puro!"

É possível ver no Museu Britânico um excelente ritual de iniciação intitulado "O Mistério do Julgamento da Alma", reconstruído por M. W. Blackden a partir dos capítulos de *O Livro dos Mortos* que tratam da ascensão do morto ao *salão do julgamento*, e sua beatificação na *ilha da verdade*. Demonstra de uma maneira extremamente boa que pode muito bem ter sido que os textos que chegaram a nós sob o título de *O Livro dos Mortos* eram fragmentos de um ritual de iniciação usado na época em que o Egito florescia com os Sacerdotes-Reis-Adeptos o dirigindo. O ritual do neófito da *Golden Dawn*, de modo semelhante, incorporou em si elementos egípcios muito similares. Neste ritual vários oficiantes, representando os deuses cósmicos, retardam o progresso do neófito em seu circumperecurso das estações do templo. "Tu não podes passar por mim, diz o Guardião do Oeste, a menos que possas dizer meu nome." E a resposta em nome do candidato é dada: "Escurição é o Teu Nome! Tu és o *Grandioso da Caminho das Sombras*." Diante disto profere-se a prescrição: "Filho da Terra, medo é fracasso. Sê tu, portanto, destemido, pois no coração do covarde a virtude não habita! Tu me conhecestes, assim segue em frente!" À medida que o ritual prossegue com muitos desafios e respostas semelhantes vários pontos de instrução mágica são apresentados, acompanhados por consagrações pelo fogo e a água, purificando assim o neófito para a jornada posterior. Estas consagrações efetuadas pelos representantes dos deuses no templo nos pontos cardeais constituem a preparação para a realização da Grande Obra. Por meio de invocações as forças celestiais do além são infundidas no ser do neófito, dotando-o de coragem e vontade que o capacitam a perseverar resolutamente até o fim. Então a venda, o cordel e a veste negra são removidos, dando lugar a um manto ou faixa atirados aos ombros para simbolizar a pureza da vida e a grandeza da aspiração que atingiu o candidato. Terminadas as consagrações e concluídas as invocações das *essências*, um certo conhecimento fundamental de magia e o alfabeto filosófico é comunicado sob um voto de segredo. Isto, como um todo, omitindo-se um grande número de pontos secundários e variações triviais, constitui a base do ritual de iniciação do neófito.

Se não houver, todavia, o prosseguimento do trabalho mágico prático em seu próprio interesse, essas iniciações e rituais não terão qualquer proveito para o neófito. Que servem efetivamente de preparação é verdadeiro, e também transmitem uma certa consagração e sacramentalização tornando a tarefa do neófito mais compreensível e talvez menos perigosa devido a virtude deles. A título de confirmação, lembraremos que Milarepa depois de suas iniciações foi imediatamente aconselhado por M arpa a iniciar o trabalho prático, que em seu caso era meditação e concentração. Ao aprendiz preparado seja por meio de treino seja por meio de alguma peculiaridade de nascimento – o qual, em qualquer caso devido à reencarnação implica numa atenção anterior a estas coisas – a iniciação cerimonial tem um efeito distinto ao conceder ao aprendiz uma visão efêmera, porém resplendente da meta espiritual buscada por ele e que ele agora indistintamente encara. E de fato assim é se os oficiantes do templo forem hierofantes não apenas no nome mas em realidade, devidamente versados de um ponto de vista prático na rotina e técnica mágicas, pois quando um oficiante do templo representa o papel de um deus, se ele estiver familiarizado com os métodos da técnica mágica, assumirá a *forma* daquele deus tão perfeitamente que as emanações magnéticas provenientes do deus nele fluirão para a alma interior do neófito. Esse assumir de formas divinas tal como anteriormente descrito, pode ser levado bastante longe, mesmo ao ponto da efetiva transformação, e há registro de exemplos autênticos nos quais o neófito, se suficientemente sensitivo, vê à distância no *salão* não simplesmente um ser humano atuando arbitrariamente como hierofante, mas sim uma gigantesca figura divina, fulgurante e espantosa, do deus que o homem representa cerimonialmente. Quando, como afirmei, os hierofantes são magos treinados, como eram na época do antigo Egito, a iniciação dos neófitos não se limita a ser um serviço formal sem significado, mas é uma cerimônia de extrema realidade e poder.

Isto concerne aos rituais de iniciação. O ritual dramático que não envolve nenhuma questão de iniciação é bastante similar do prisma da concepção e execução. Diversos indivíduos ensaiam em concerto para seu próprio mútuo benefício a vida de um deus, e por meio de repetidas invocações, comemorando mediante o discurso e a ação incidentes e acontecimentos da história daquele deus, e têm êxito em fazer aparecer o deus numa área consagrada. Acatando a técnica mágica e exaltando a si mesmo suficientemente além do plano dualístico normal de consciência ocorrerá uma união duradoura entre os participantes e a divindade. *As Bacantes* é um exemplo notável de um ritual dramático grego. Na verdade, de um ponto de vista cerimonial, é tudo que um ritual dramático deve ser quanto à forma. E é tão excelente que aqueles que nele têm interesse hoje o fazem devido ao seu sentimento de que se trata de uma esplêndida tragédia teatral. No caso de uma companhia de indivíduos iniciados que estão bem familiarizados com a invocação, trabalhando simpaticamente entre si, e exercendo a *vontade* e a *imaginação* na forma mágica prescrita, a peça pode ser transformada numa poderosíssima invocação dramática de Dionísio. A tradução em versos rimados do Professor Gilbert Murray é mais uma obra-prima clássica de poesia recreativa do que uma tradução literal do grego, transmitindo com suma fidelidade a atmosfera religiosa e o espírito ditirâmico da veneração a Baco. Há nesta peça uma suplicação ao deus no estilo exaltado tão típico de todas as invocações:

"Aparece, aparece, qualquer que seja tua forma ou nome

Ó Touro da Montanha, Serpente de Cem Cabeças,

Leão de Flama ardente!

Ó Deus, Besta, Mistério, vem! ... "

Abordando o mesmo tema mágico, há um esplêndido hino a Dionísio proveniente dos *Hinos místicos de Orfeu*, traduzido por Thomas Taylor:

"Vem, abençoado Dionísio, o variamente nomeado,

De face taurina, gerado do trovão, Baco afamado.

Deus bassariano, de universal poder,

De quem espadas, sangue e ira sagrada causam prazer:

No céu regozijando, louco, Deus de alto som,

Furioso inspirador, da vara o portador:

Pelos Deuses reverenciado, que com a humanidade está presente,

Propício vem, com mui regozijadora mente."

Muita prática e ensaio se fazem necessários para dar eficácia a esses rituais dramáticos, além do trabalho mágico que se segue, como foi salientado. Sem este último absolutamente nada pode ser efetuado. A técnica astral de *ascensão nos planos*, investigando-se os símbolos pela visão, a formulação das *formas* ou *máscaras* dos deuses e a vibração dos *nomes* bem como as celebrações de alguma forma de *eucaristia* representam necessidades no caminho da magia. É verdade que se exige uma enorme quantidade de paciência, mas isto se verifica verdadeiro em relação a todas as coisas que valem a pena de uma maneira ou de outra. O teurgo deverá prosseguir diariamente com essas práticas invocatórias e rituais até atingir o estágio em que se sinta que detém o poder sob seu controle. Na verdade, o que há de mais essencial para o sucesso em todas as formas de magia – seja o ritual dramático ou qualquer outra coisa – é a perseverança. Não importa o que mais seja feito, o mago deve cultivar a paciência. É mister que ele se prenda com firmeza e sem desânimo a um programa pré-organizado de trabalho mágico. O curso que ele formulou e jurou executar representa o *logos* de sua *vontade*, do qual ele não ousa se desviar uma única polegada ou mesmo uma fração de polegada. Temores e dúvidas igualmente o assaltarão por certo. Amigos e inimigos igualmente ameaçarão a paz de sua mente e a serenidade de sua alma, e tentarão maximamente perturbar seu equilíbrio espi ritual com tagarelice ociosa a respeito do perigo da magia e a incerteza de seus resultados. A hoste inteira do céu, para mencionar só de passagem as miríades de legiões do inferno, conspirarão e estarão soltas contra ele. Mas somente se ele desistir, desprezando seu voto e rejeitando sua aspiração, estará o mago irreversivelmente perdido. O desastre horrendo estará à espreita à frente! Uma vez tenha o voto mágico sido assumido voltado para o sucesso, ele terá que perseverar resolutamente sem se preocupar com seja lá o que for que aconteça. Se for colhido pela morte no desenrolar de seu trabalho, que prossiga, mesmo assim, adiante, de uma vida para outra, com a alma bem concentrada e o olhar espiritual fixado firmemente nas alturas, fazendo um vigoroso juramento de que dará continuidade a esse labor. Lévi uma vez observou que o mago tem que trabalhar como se fosse detentor da onipotência e como se a eternidade estivesse a sua disposição. Ocorre-me uma lenda singela, porém bela, na qual esse tema está presente, incitando o mago a seguir à frente para a *Casa do Repouso* sem interromper seu empenho, isento de dúvida e medo, trabalhando por aquela meta que ele primeiramente criou e que agora considera nebulosamente na

distância longínqua da aurora dourada na *Terra Sagrada*. Mal conhecida atualmente e esporadicamente objeto de referência, aparece num pequeno livro intitulado *The Book of the Heart Girt with the Serpent (O Livro do Coração Cintado pela Serpente)*, de Aleister Crowley. Embora eu não advogue em nome deste poeta, considero, contudo, essa pequena obra uma das mais profundas e primorosas jamais escritas. A citação abaixo serve como exemplo tanto de sua prosa quanto de suas idéias relativamente à questão que agora abordamos.

"Houve também um colibri que falou a Cerastes e lhe implorou veneno. E a grande cobra de Khem, o Sagrado, a serpente Uraeus real, respondeu-lhe e disse: Eu velejei sobre o céu de Nu no carro chamado Milhões de Anos e não vi qualquer criatura acima de Seb que fosse igual a mim. O veneno de minha presa é a herança de meu pai, e do pai de meu pai... Como dá-lo a ti? Vive tu e teus filhos como eu e meus pais vivemos, mesmo até cem milhões de gerações, e pode ser que a misericórdia do s *Poderosos* conceda aos teus filhos uma gota do veneno da Antigüidade.

"Então o colibri afligiu-se em seu espírito e voou para as flores, e foi como se nada tivesse sido conversado entre eles. Entretanto, pouco depois, uma serpente o feriu e ele morreu.

"Mas uma íbis que meditava às margens do Nilo, o belo deus, ouviu e atendeu. E pôs de lado seus modos de íbis e se tornou como uma serpente, dizendo: Talvez numa centena de milhões de milhões de gerações de meus filhos eles obtenham uma gota do veneno da presa da *Exaltada*. E vede: antes que a lua crescesse três vezes ele se transformou numa serpente Uraeus e o veneno da presa foi nele e em sua semente estabelecido por todo o sempre."

Para o mago é esse espírito sublime de vontade e determinação indomáveis que nada pode vencer que é indispensável. É o poder da *vontade* que *de facto* constitui o mago e na ausência deste poder nada de qualquer monta pode ser feito. A realização não é atingida em quatro e vinte horas, nem mesmo em vários pores-do-sol; a visão resplandecente e o perfume que consome a própria substância da alma podem estar muitos anos no futuro – mesmo muitas encarnações nas vagas trevas do porvir. Quiçá para alguns a concretização do desejo mais íntimo e da aspiração por Adonai seja uma meta que pertence a um outro mundo, um outro eon e exista na natureza de um sonho. Outros indivíduos podem julgar este um objetivo cujo doce fruto se torna rapidamente disponível à mão com escasso dispêndio de trabalho para ser colhido. Num caso ou no outro nenhum aprendiz está na posição de afirmar no princípio em que momento a meta poderá ser alcançada. Tampouco se trata de um problema que mereça preo cupação pois a alma cresce e progride à medida que a compreensão e a intuição se expandem através de atos sucessivos do espírito na estrada da magia da luz. As asas se tornam então mais vigorosas, o próprio vôo se tornando mais longo, e a lâmpada interior alimentada com o azeite da sabedoria permanece continuamente acesa. Ao mago é imperioso considerar sempre esta luz interior e levá-la pacientemente consigo pelos desvios e estradas dos homens, até que ele se transforme nessa luz. Acima de tudo o que é exigido é aquela imperturbável aspiração e vontade indomável ... daí ao trabalho! Que a aspiração do mago seja como a da sábia íbis de Khem. Dispa-se de seus modos humanos e vista-se daqueles do deus! O Conhecimento e a Conversação podem ser uma dádiva que não lhe seja concedida por centenas e milhares de anos, mas quem sabe para onde o espírito se inclina? Pode ser que por inflexível determinação, como aquela da íbis, para lograr a

meta, não importa quanto tempo possa levar, floresça a flor dourada da vida de Adonai no interior do coração mais celeremente do que de outra forma poderia ter sido o caso.

Enquanto isto, deve-se dar prosseguimento ao trabalho mágico. Ao teurgo compete diariamente ascender nos planos num esforço de elevar-se mais e mais, e lutar por seu caminho para as esferas translúcidas da luz límpida do *fogo*. A passagem de cada estação verá sua aspiração cada vez mais forte, transmitindo-lhe a força para desincumbir sua tarefa de conquista e união mágicas. Todas as coisas têm que ser trazidas para dentro da esfera de sua *vontade*, tanto os céus excelsos quanto os infernos mais inferiores. Essa *vontade* tem que ser imposta aos mais vis habitantes do astral e estes terão que se curvar diante de todo desejo seu e todo seu domínio. É óbvio que sobre os ombros do mago pesa uma tremenda responsabilidade, a qual cresce a cada passo à frente que ele dá, e à medida que transcorre cada hora de sua carreira. "A natureza nos ensina, e os oráculos também afirmam, que mesmo os germes nocivos da matéria podem igualmente ser tornados úteis e bons*." Cons equentemente, a responsabilidade que cabe ao mago como um penhor sagrado é esta: a ele e somente a ele compete a tarefa de transformar o universo e de transmutar os elementos grosseiros da matéria na substância do espírito verdadeiro. Toda sua vida terá que se transformar numa constante operação alquímica e durante esta vida ele destilará no alambique de seu coração a grosseria do mundo para que se converta na essência dos céus sem nuvens. Sua cabeça, também, tem que se elevar além das nuvens à medida que ele, de pé e ereto, terá seus pés firmemente sobre a terra multicolorida. Somente tenacidade e persistência facultarão essa retidão do espírito e esse poder adamantino da *vontade*. E estes são os pólos gêmeos que proporcionam resistência e extensão ao báculo do mago. Todos os ramos da teurgia devem ser objeto de persistência ao longo dos anos, não maculados pela cobiça pelos frutos das ações do mago. Em todos os casos, como todos podem ver, a arte divina constrói caráter e vontade e no devido tempo o um *karma* favorável será criado em cujo senda nenhum obstáculo ousará se interpor, quando o *Anjo* se apressará em elevar a alma – sua amada há tanto tempo, e consumir as núpcias místicas prolongadas para tantos numa idade exaustiva. "Nesse dia o Senhor será Um, e Seu Nome será Um."

* *Os Oráculos Caldeus*, trad. de W. W. Westcott.

E mesmo que não atinjamos a unidade com Adonai, há na magia um grande ganho visto que por meio dela buscamos transmutar o grosseiro no sutil e no puro. E esta é a redenção do mundo. Muito brevemente todo o nosso ser circundará um sol invisível de esplendor e seremos mais e mais atraídos para ele, como o aço é atraído para o magneto. Embora possam ser necessários eons para que finalmente cheguemos perto, ainda assim nos sentimos talvez como Adão deveria ter sentido se tivesse visto trem eluzindo através das trevas do exílio em que lutava o brilho do *paraíso celeste* e soubesse que este não estava realmente perdido, mas que após a purificação dele, Adão, lhe seria concedido um pouco dele em que entrasse e caminhasse. Dispor desta certeza não é pouca coisa. Trata-se de uma visão que não deve ser encarada com trivialidade. Embora inevitavelmente tenhamos que falhar e cair reiteradas vezes, há horas e minutos de prazer e alegria quando os anjos das alturas trajam novamente ante nossa vista seus antigos aspectos de glória, e nós somos fundidos no calor e fogo do êxtase e contentamento, cientes de que nós, os mortos por séculos e longas eras, podemos ainda ressuscitar de novo.

CAPÍTULO XV

A relação teórica que o moderno espiritismo celebra com magia é passível, numa oportunidade ou noutra, de ser questionada. Por conseguinte, é preciso fornecermos aqui alguma resposta. Limitar-nos-emos a uma discussão sumária deste assunto já que parece a este autor não se tratar de algo de grande importância. Algumas palavras apenas serão suficientes para demonstrar de que forma tal relação existe.

Embora alguns autores tenham anteriormente pensado diferentemente, não há uma conexão real entre os fenômenos do espiritismo e os fenômenos que ocorrem na magia. Uma palavra separa uma classe de fenômenos da outra. Uma palavra que, entretanto, representa um grande abismo estabelecido entre as duas classes: *vontade!* Todos os fenômenos espíritas de transe e materialização são passivos. Estão totalmente além do controle consciente do médium que, de maneira alguma, é capaz de modificar, alterar ou mesmo fixar o tempo desses fenômenos que ocorrem a ela (por força de hábito diz-se *ela*; concebe-se automaticamente que um médium seja uma mulher, embora haja exceções, é claro). O mago, por outro lado, se empenha em treinar sua *vontade* de modo que nada aconteça em suas *operações de luz* sem sua utilização. Seja o que for que faça, é realizado de modo consciente, deliberado e com intenção plena. A única exceção importante em relação a isto ocorre quando a *vontade* se transformou num tal poderoso engenho taumatúrgico que toda a organização do mago se tornou inteiramente identificada com essa *vontade*, e todos os fenômenos de forma e consciência ocorrem automaticamente incluindo a extensão da *vontade*. Sua atuação pode ser comparada ao movimento de qualquer membro ou músculo que, embora ocorrendo fora da volição consciente, é todavia executado pela força da *vontade*. Mesmo relativamente ao que diz respeito ao que é chamado vulgarmente de "materialização", o mago controla a aparição de um espírito. E não apenas isto pois é possível para ele fazer esse espírito aparecer mediante suas conjurações e limitar as atividades do espírito a uma certa área prescrita através do poder de sua *vontade*. A forma visível do espírito é composta das grosseiras partículas de fumaça de incenso, deliberadamente queimado com essa finalidade. Ademais, o mago detém o poder de fazer o espírito responder inteligentemente às perguntas e de bani-lo quando sua presença deixar de ser necessária. Isto se aplica, que fique reiterado, somente ao que concerne ao aspecto inferior do trabalho visto que evocações são universalmente reconhecidas como pertencentes aos graus mais baixos da técnica. E quanto à *magia da luz*? Esta também está de acordo com a *vontade* mágica. Quando advém aquela suprema crise na *invocação* na qual o *ego* é tornado passivo para o advento do *noivo* e, com temor e tremor ele cede seu próprio ser, essa renúncia é conforme uma determinação consciente e sob *vontade*. Estas poucas observações devem bastar para mostrar de maneira conclusiva que as duas ordens de fenômenos residem totalmente em planos diferentes e que não existe nenhuma conexão entre as duas. O espiritismo parece se referir quase que inteiramente à produção de fenômenos físicos, eles mesmos a finalidade desta produção, sendo que em qualquer caso esses fenômenos dificilmente conduzem a qualquer espécie de prova da sobrevivência e continuação da existência da alma. O outro sistema, a teurgia, diz respeito a um domínio nobre e ao desenvolvimento de grandes poderes no ser humano. O mago procura unir sua essência a uma realidade profunda, duradoura, na aspiração de um conhecimento espiritual, de modo que seja possível para ele apreender com sabedoria e intuição sua suprema imortalidade, incorruptibilidade e eternidade.

A fim de discutir o espiritismo inteligentemente é necessário voltar aos princípios fundamentais formulados em páginas anteriores. A teurgia concebe a remoção dos invólucros da alma após a morte do corpo físico de maneira idêntica à teosofia de

Madame Blavatsky. Seguindo-se à morte do corpo, que é o veículo visível dos princípios superiores, o *ser humano real*, perfeitamente intacto embora subtraído do corpo físico, é impelido para o *plano astral*. Gradualmente ele ascende aos diversos *palácios* que foram autocriados pelo tipo de vida que acabou de ser vivida; nestes palácios ele repousa ante o *Ancião dos Dias*, assimilando sua experiência terrestre e transformando-os em recursos para uma nova encarnação. A magia, acompanhando a Cabala, abraça a idéia filosófica da *reencarnação* ou *Gilgolem* das almas. Realmente, na medida em que os magos vão em direção desta teoria filosófica sustentam que em certos estágios de desenvolvimento, quando o organismo humano se torna luminoso, refinado e sensitivo por meio de reiteradas consagrações e invocações, as lembranças de *Neschamah* com suas emoções e poderes mais elevados se infiltram em *Ruach*, trazendo consigo a clara lembrança de existências passadas.

Após a morte física, a trindade de princípios que é o *ser humano verdadeiro* permanece no astral encerrada no *Ruach* e seu *Nephesch*. A desintegração, já tendo sido desencadeada pela ocorrência da morte física, prossegue ainda. *Nephesch*, que é o veículo das paixões, emoções e processos instintivos, é então descartado da constituição. Permanece, contudo, como uma entidade nesse plano, animado até um certo ponto pelas forças e energias cegas com as quais ele entra em contato. Lenta mas continuamente ele se desintegra se deixado só, de modo que tal como o corpo físico é dissolvido reintegrando o pó da terra, *Nephesch* é dissolvido para os elementos do plano astral. Por esta razão, os teurgos proíbem visões e experiências nesse domínio astral inferior. Aí nada pode ser encontrado que possua valor espiritual visto que se trata do mundo da matéria em decomposição de *Nephesch* e da desintegração. *Nephesch* descartado, o *ser humano interior* encerra-se em *Ruach* "ascende" às camadas intermediárias do astral, onde lentamente a essência dos pensamentos mais refinados, as experiências e emoções mais nobres são destiladas das partes mais grosseiras, sendo assumidas na própria natureza de *Neschamah*. Esta separação de afinidades concluída, são assimiladas e expandidas no astral divino, *Amentet*. Neste momento é necessário mencionar o emprego do verbo "ascender" e outros verbos utilizados num sentido similar. Desse é necessário salientar que um sentido metafísico é sugerido porquanto os planos subjetivos dos mundos invisíveis não estão dispostos um sobre o outro como os andares de um arranha-céu, nem se envolvem como as camadas de, por exemplo, uma cebola. Sendo metafísicos, todos os mundos se interpenetram e se fundem, o mundo físico ou mais externo sendo penetrado pelo mais interno e as esferas mais sutis. *Ascender no astral*, portanto, apesar de ser uma expressão literalmente enganosa, tem a finalidade de expressar o fato da partida de um plano mais grosseiro efetuando-se uma subida a um mundo mais rarefeito e menos denso.

Ao considerar o espiritismo, a tradição mágica afirma que é com os cadáveres astrais ou *Qliphoth*, como são denominados, que os espíritas principalmente se ocupam. Através do transe passivo e negativo, os princípios mais elevados são forçados a recuarem, não deixando nenhum vínculo com os veículos inferiores do médium ou proteção para estes. A porta é franqueada à admissão de quaisquer entidades que se encontrem nas vizinhanças astrais. Já que as almas dos seres humanos e seres angélicos ascendem ao astral divino, a maior parte dessas entidades no astral inferior são os elementais mais grosseiros, os administradores dos fenômenos naturais e os *Qliphoth* em decomposição ou cascos adversos. Conseqüentemente, o transe espírita negativo fundamentalmente implica a obsessão dos resíduos em decomposição e restos imundos inerentes àquele plano. Diante disso a questão que se coloca é a seguinte: "Por que, se os espíritos que se

comunicam com as médiuns são meros cascos astrais, acontece de ocasionalmente exibirem inteligência e razão? "

A palavra *ocasionalmente* é bastante gratificante. Um dos fatos mais correntemente mencionados pelos investigadores é a ausência de coerência e inteligência nas mensagens obtidas do "outro lado". No caso, contudo, de se perceber um leve lampejo de inteligência nos absurdos verbais geralmente transmitidos aos médiuns, a explicação racional dada por Lévi é claramente aplicável. Lembrar-se-á que Lévi define a luz astral como o agente mágico, e que em sua substância estão registrados todos os pensamentos, emoções e ações. O corpo astral, um dos aspectos de *Nephesch*, sendo composto da matéria sutil da luz astral, participa da definição de Lévi. Numa página anterior, indiquei a conexão entre a concepção acadêmica formal do *inconsciente* e a concepção cabalística de *Nephesch*, do qual o corpo astral é um aspecto. Neste veículo, portanto, estão registrados todos os pensamentos que um indivíduo teve durante a vida, todas as percepções e sensações que experimentou e todas as ações que executou. Quando após a morte esse *Nephesch* descartado é galvanizado para a atividade de um aparente ser vivo, animado por inteligência através da energia deslocada tanto pelo médium em transe quanto pelos pensamentos dos participantes da sessão espírita, esse cadáver astral pode exibir uma réplica da inteligência que em vida o utilizava.

Esse amplo esboço dá conta da maioria das comunicações recebidas via fontes espíritas, embora seja necessário afirmar com toda justeza em relação a essa, como em relação a todas as outras generalizações, que há exceções, embora os médiuns capazes de penetrar os planos mais elevados do espírito sejam extremamente raros. O médium, uma vez tenha aberto a porta de sua organização astral e psíquica, é incapaz de controlar a si mesmo, e tampouco é capaz de empregar discernimento quanto ao que irá entrar ou não pela porta aberta e tomar posse de sua personalidade. Naturalmente, essas observações se referem unicamente aos casos nos quais os fenômenos são genuínos. Mas visto que há tantos casos de fraude e embuste deliberados, pode-se recorrer às afirmações que acabamos de fazer que igualmente se prestam a explicar tais coisas. Sendo passivo, o médium não exerce controle do poder de produzir fenômenos quando a corrente psíquica é cortada, por assim dizer; e quando os fenômenos lhe são exigidos pelo recebimento de dinheiro, é coisa bem simples simular a possessão genuína. É mais simples ainda pronunciar um palavrório recheado de disparates que é favoravelmente comparável às mensagens recebidas dos "mortos". Além disso, pelo fato de a entidade obsessora ser das mais baixas e das profundas da Terra, dificilmente se pode considerar sua associação com o médium edificante ou enobrecedor. Limita-se a ser uma influência nociva, causando a expansão e desenvolvimento de quaisquer tendências ou traços existentes no médium. Assim, a fraude, a decadência moral e o desregramento não requerem grande esforço.

Pode-se antecipar aqui uma explicação dos fenômenos físicos mais gerais, parte representativa do espiritismo, embora considerando-se que a teoria mágica desse assunto esteja em completo acordo com a de Blavatsky, há pouca necessidade de repetir tais teorias detalhadamente. Basta observar que a maioria das demonstrações psíquicas, quando autênticas, têm sua origem no comportamento e nos poderes do corpo astral. Definida a substância deste veículo como plástica, magnética e de grande força tensora, conclui-se que vários de seus membros, devido ao desenvolvimento anormal, podem ser exsudados do interior do corpo físico e estirados a alguma distância. Essa teoria explica o deslocamento de objetos sem contato físico, os fenômenos do *Poltergeist* e muitos outros de caráter similar. Quase todos se devem à perturbação do equilíbrio no aspecto

substantivo de *Nephesh*. Obviamente não são espirituais e não comprovam nenhuma das reivindicações feitas a seu favor pelos espíritas.

No caso do médium esclarecida que, compreendendo a verdade intrínseca das observações feitas aqui, deseja reverter seus poderes passivos, a técnica mágica é recomendável. No espiritismo inexistem técnicas de transe, como inexistem métodos de proteção ou seleção a serem empregados. Uma vez esteja a porta astral entreaberta a esmo, quem quer que entre pode fazer o que bem entender sem restrição. O médium está tão aberto à obsessão, e mesmo mais devido à natureza do plano astral, quanto à inspiração divina. Com a ajuda, entretanto, de algum dispositivo como o *Ritual de Banimento do Pentagrama*, essa predisposição para a obsessão elementar poderá ser facilmente eliminada. No interior de um círculo adequadamente consagrado, protegido com os nomes divinos formais, o médium pode induzir o transe sem medo ou perigo. A recitação de uma invocação apropriada de uma força divina e o assumir astral de uma forma de divindade antes do transe podem garantir uma categoria totalmente diferente de resultado, realmente pertencente a um plano muitíssimo mais alto. Enquanto que anteriormente o médium era uma presa indefesa de qualquer presença astral que visitasse sua esfera áurea, trazendo consigo contaminação e o odor desagradável de corrupção e abjeta putrefação, adotando-se métodos mágicos, tais excrementos podem ser eficientemente impedidos de invadir a esfera da personalidade. E não apenas isto, como também entidades de classe definida, de natureza divina e espiritual, completamente oposta aos ordens inferiores "fantasmas" espíritas, poderão ser invocadas para o máximo proveito do médium e o crescimento de seu poder espiritual.

Não julguei adequado descrever muitos tipos diferentes de operações mágicas neste livro, visto que não ocupam nenhuma posição eterna na construção do santuário celeste. Tampouco dizem respeito às limitações próprias que têm que se circunscrever em torno do *Templo da Magia Santa da Luz*. Apesar de não estarem incluídos necessariamente na conotação da expressão *Magia Negra*, tais métodos fazem fronteira muito próxima a esse tipo de coisa. Visto que tendem para essa direção, são de pouca utilidade para o aspirante em busca de Adonai e da bem-aventurança dos deuses. Existem inúmeras operações menores para a aquisição de objetos que se deseja, como livros, ouro, mulheres e similares. Há operações de destruição e fascinação, adivinhação e transformação e assim por diante. Estas são apenas algumas que recebem absolutamente demasiada ênfase e atenção às expensas de assuntos mais importantes em engrimações e livros de instrução inferiores. Divorciados de aspirações mais elevadas, são inteiramente reprováveis.

Um ramo razoavelmente importante da magia menor, embora não negra, é o controle dos *Tattvas* ou das correntes prânicas vitais que operam na natureza. Mediante o emprego dos símbolos de *Tattvas*, acompanhados por um conhecimento das horas específicas do dia quando essas forças adquirem preponderância e pureza, o mago que assim o desejar poderá abrir os portais do corpo e da mente às forças vivificadoras e reanimadoras dessas correntes ocultas. Através desses recursos, ele obterá descanso físico e psíquico quando estiver em maré baixa e em caso de desvitalização das forças de seu ser. No *Livro dos Mortos* são mencionadas muitas transformações mágicas das quais o *khu* ou entidade mágica no ser humano é capaz, e fórmulas práticas para a produção de tais transformações como em falcão, lótus, andorinha e assim por diante podem ser aí percebidas. Como tornar alguém invisível aos olhos dos outros, mesmo em meio a uma grande multidão, através da formulação de um invólucro astral é um outro ramo dessa magia cinzenta que existe entre a *magia da luz* e a negra. Não posso dizer

que o aspirante ao *Augoeides* tenha muita utilização para tais realizações e poderes dúbios.

A natureza da magia negra, que parece preocupar grandemente tantos históricos, consiste quase que inteiramente no motivo sustentado na mente do operador. Quando Lévi aborda este assunto e o da bruxaria em seus escritos ele se lança completamente numa tangente, e seus soberbos exageros coloridos com toda a rutilância e retórica à sua disposição tornam a leitura divertida. Que alguns o tenham citado em função desse assunto para uma interpretação literal, em lugar de descartá-lo como mera verbosidade, ultrapassa minha compreensão. Suas observações acerca do bode de Mendes e a veneração de Bafomé em conexão com os templários são simplesmente ridículas. Que comentário poder-se-ia fazer em relação às instruções absurdas fornecidas por ele como sendo os supostos passos dados por aqueles envolvidos com a arte negra, a não ser que seriam excelente material para os atuais *thrillers* ? Estou ainda para descobrir em que loja de departamentos pode-se comprar velas feitas de gordura humana. Qu e ser humano poderia ser obtuso ou louco o bastante para pensar em obter incenso misturado com o sangue de um bode, uma toupeira e um morcego? Outras necessidades horrendas são a cabeça de um gato preto recentemente morto, um morcego afogado em sangue, os chifres de um bode virgem e a crânio de um parricida! Ainda assim em seu *Book of Cerimonial Magic*, o Sr. Waite teve a preocupação de pronunciar uma advertência medonha contra a *goécia* juntamente com o desenho grotesco de Lévi do círculo g oético para emprego com os "adereços" mencionados acima. Preparando-se para uma ofensiva devastadora contra a magia negra, Waite posicionou sua artilharia mais pesada quando, na realidade, um arremessador de ervilhas teria sido muito mais eficiente contra tal inimigo. Resta pouca dúvida de que Lévi estivesse "se divertindo às custas" de alguns leitores e que estivesse simplesmente cedendo seu talento para ritos lúgubres impossíveis, os rebentos de uma imaginação curiosa, embora exuberante ante.

O hipnotismo e o ato de privar uma outra pessoa de escolha ou uso da vontade constituem de fato uma das formas mais desprezíveis de magia negra. Aqueles que realmente empregam tais métodos deveriam ser cuidadosamente evitados pelo teurgo tal como ele faria com uma doença asquerosa. Os feitos absurdos ordinários relativos à confecção de filtros, poções e figuras de cera para trabalhos de fascinação ou maldade existem inteiramente abaixo da dignidade do mago sincero. O que pode talvez constituir verdadeira magia negra é o uso de selos e talismãs carregados feitos por uma pessoa que tenha adquirido poder mágico para a depreciação e dano de seu semelhante. Operações cujo objetivo seja evocar a sombra de um amigo ou parente falecido à manifestação visível consistem de manipulações da substância astral e carecem de qualquer finalidade útil visto que perturbam os tranquilos processos de assimilação e construção de faculdades que se processam no astral superior após a morte física. Somente a vaidade insana e a curiosidade desordenada poderiam ser satisfeitas pela *necromancia*. Este ramo específico da bruxaria está aparentado ao espiritismo, embora para sermos totalmente verazes e justos tenhamos que admitir que os motivos deste último culto realmente se colocam num plano mais elevado e mais sincero. Em ambos os casos, entretanto, o motivo não é desculpa pois eles são uma abominação diante de toda a tendência dos processos da natureza.

Considerando-se que neste capítulo tratamos largamente do astral, desejo mais uma vez me referir à técnica da viagem astral que é procurada pelo mago. Constitui obrigação imperiosa para o teurgo investigar por completo, como foi exposto num capítulo anterior, em seu resplandecente e iridescente corpo de luz os níveis superiores da luz

astral, aqueles que fazem fronteira com os mundos criativo e arquetípico. A ele cumpre também penetrar intrepidamente em todo santuário protegido daí, e familiarizando com a natureza essencial e os variados aspectos que esse plano apresenta, embora jamais deva perder de vista um importante fato a estar sempre presente em sua mente. É preciso que se esforce sempre para transcender esse plano. É tão-só um *salão de aprendizado*. Por mais necessárias que sejam suas lições, uma vez assimiladas e aprendidas a necessidade de permanecer nesse plano cessa, e as sempre esplêndidas *Mansões do Fogo e da Sabedoria* devem ser buscadas. O corpo de luz e espiritualizado deve ser continuamente treinado e educado e sua substância deve ser tornada a tal ponto sensível e refinada que de um corpo vago, sem forma, lunar ele renasce como um corpo solar brilhante. É neste corpo que o mago pode ascender às translúcidas alturas espirituais e ao fogo amorfo que se encontra além. É possível que à medida que o aprendiz diligencia suas investigações sistemáticas nesse plano no esforço de descobrir a natureza de sua composição psicológica, chegará a certos portais, defrontando-se com guardiões armados. A despeito do poder do *pentagrama*, dos gestos e signos mágicos, da invocação dos *quatro anjos dos quadrantes* e de outros dispositivos para ascensão e ultrapassagem, tais guardas, sob nenhuma circunstância, lhe darão o direito do ingresso, e tampouco lhe darão a permissão para atravessar os portais que guardam. Em *The Candle of Vision* é indicado o empenho de A. E. para descrever essa experiência de mística natureza. "Então eu fui novamente lançado longe num vórtice e eu era a figura mais minúscula em meio vasto ar, e diante de mim havia um portal gigantesco que parecia grandioso com os céus, e uma figura sombria ocupava o vão da porta e barrava minha passagem. Isto é tudo que consigo lembrar..." Alguns mencionam ter este fato também sido experimentado pelo escriba do Livro dos Mortos já que naqueles capítulos que se relacionam aos nomes dos *pilones*, juntamente com os nomes das *sentinelas*, *guardiões* e *portei ros* angélicos algumas sugestões mágicas veladas de como passar por eles são dadas.

Nesse momento oportuno, antes de ir além neste assunto da *ascensão nos planos*, é necessário familiarizar o leitor com um aspecto importantíssimo da técnica astral que não se deve esquecer jamais. Os habitantes do plano astral reagem de duas maneiras diferentes e absolutamente distintas em relação ao *pentagrama*. A experiência dos modernos teurgos neste ponto é largamente corroborada por toda a tradição mágica dos antigos. Eles testemunham que quando em face da estrela flammeante de cinco pontas formulada pela *vontade mágica* alguns seres astrais se contraem perceptivelmente e parecem desvanecer. Uma outra classe de seres, contudo, cresce e se expande a ponto de abarcar todo o horizonte com esplêndida luminosidade e brilho. A experiência de todas as gerações de magos demonstra que o ser que se encolhe de medo do pentagrama ou foge é ou um demônio de face canina ou um elemental, tendo que ser tratados de maneira apropriada. Por outro lado, o ser cuja aparição não é afetada pelo pentagrama e o ritual de banimento conveniente, é uma inteligência espiritual, um *anjo*, um sublime ser celestial a ser respeitado, amado e venerado.

Uma variação do símbolo do pentagrama empregada por outras pessoas com um certo grau de sucesso é uma cruz dourada encimada por uma rosa carmesim. O simbolismo em ambos os casos é idêntico, embora alguns possam considerar que a cruz apresenta associações teológicas desagradáveis. É um sinal dos quatro elementos estendido aos quadrantes cardeais, enquanto que a coroa a rosa, símbolo da beleza, nobreza e vida espiritual. Na prática, sua aplicação é um pouco diferente daquela do pentagrama porque é menos simples formular a *Rosacruz* com o bastão do que com o primeiro

símbolo; o mago interpõe em imaginação este símbolo entre o outro ser e ele próprio sem tentar traçá-lo.

O fato, portanto, de um *anjo* trajado de fogo e glória e portando uma espada afiada de chamas barrar sua entrada ao *pilone* deve fazer o teurgo se deter, e se deter para refletir pois parece indicar que até ali ele não está suficientemente purificado e sensível em seu corpo de luz para ser capaz de atravessar aquele *pilone* específico do qual é barrado. Deve se constituir sua obrigação solene considerar como necessidade primordial o meio pelo qual uma purificação ulterior pode ser efetuada. Deve-se infundir no corpo de luz uma substância espiritual proveniente de planos mais elevados e mais celestiais. O assumir persistente de formas divinas e a transmutação de sua própria forma astral naquela do deus e a identificação com o caráter sublime moral e espiritual do deus se revelará um método tão infalível quanto outros. Através deste método, a substância do corpo de luz no devido tempo passará a participar do esplendor e efulgência ígneos da substância do deus. Talvez a melhor forma divina a ser assumida com esse propósito seja a do *Harpócrates sentado no lótus*, o *Senhor do Silêncio*, que é o gêmeo de Hórus, *Senhor da Força e do Fogo*. A forma convencional na qual é geralmente retratado é aquela de um bebê inocente, com o dedo no lábio, empertigado como um embrião acima de um lótus branco que surge do mar. Em torno dele há um azul escuro profundo semelhante ao do símbolo do *Tattva* do espírito, representando a *noite que tudo abarca*. O lótus é o símbolo perene da ressurreição e da eterna juventude e o bebê representa inocência, espiritualidade e supremo repouso. "O deus 'sentado acima do lótus...'" afirma Jámblico em *The Mysteries (Os Mistérios)*, "...significa obscuramente uma transcendência e força que em absoluto não entram em contato com o lodo, indicando também seu império intelectual e empíreo, pois percebe-se que tudo que pertence ao lótus é circular, a saber, tanto a forma das folhas quanto o fruto; e só a circulação está ligada ao movimento do intelecto, o qual energiza com identidade invariável numa única ordem e de acordo com uma única razão. Mas o deus é estabelecido sozinho, e acima de um domínio e energia desta espécie, veneráveis e santos, superexpandidos e que residem nele mesmo, o que estar ele sentado visa significar." O assumir mágico desta forma, especialmente o circundamento do corpo astral pelo ovo azul-escuro ou índigo, tem poder suficiente para banir quaisquer influências indesejáveis porquanto eleva o mago acima desse domínio.

((ilustr. – *Harpócrates acima do lótus – O Senhor do Silêncio*))

Essa técnica particular da forma divina da Harpócrates é especialmente significativa mesmo no que diz respeito à vida cotidiana. Quando se é assaltado por pensamentos indesejáveis e emoções de ódio pode-se conseguir alívio desta pressão e até assistência e resistência espirituais assumindo-se a forma desse deus. Por meio deste assumir nosso ser é transmutado para a configuração do deus e a mente é elevada além da pequenez mundana por assimilação do caráter e natureza da divindade. Isto implica, seguramente, numa força de imaginação e vontade, mas para a maioria das pessoas é mais fácil reter na mente imagens pictóricas do que uma idéia abstrata, qualquer indivíduo podendo ser treinado com um pouco de prática para visualizar uma forma tão simples e bela como o bebê acima do lótus. A única dificuldade passível de ser encontrada é a transfiguração do corpo de luz e a subsequente identificação e união com o deus. Quanto a isto, naturalmente, o treinamento se mostra indispensável.

A vibração de nomes divinos constitui uma prática que sob nenhuma circunstância deve ser omitida já que à medida que se procede a este exercício os elementos grosseiros são

forçosamente expelidos da constituição total, física, astral e moral, outros elementos mais refinados e sensíveis sendo introduzidos para tomar o lugar daqueles. Celebrações freqüentes da *eucaristia* constituem também um meio excelente de transmutar e exaltar a substância do ser total. Numa página anterior esta operação foi resumidamente descrita e para enfatizar recapitularei a teoria que se acha por trás. Divorciada de todo dogma, a essência da eucaristia é a seguinte: você toma uma substância simples como, por exemplo, uma hóstia de trigo, batiza-a com a sua mais elevada concepção de Deus, ou, conforme o caso, em nome de uma *essência* espiritual particular, consumindo-a a seguir. Deste modo, por meio de magia simpática, uma efetiva transubstanciação de elementos ocorre sob a pressão da *vontade*. *Aquilo que era antes terrestre se torna celestial. Aquilo que era da Terra, mundano, é transformado numa coisa dos céus. Uma hóstia de trigo e o vinho parecem se tornar quase que diretamente assimilados ao sangue, e absorvidos pelo próprio ego. Na realidade, isto é uma espécie de magia talismânica pois com a nomeação da substância o mago invoca a força espiritual em conformidade com aquele nome, e naquele telesmata físico de pão e vinho é essa força confinada como se fosse sua habitação terrena. O fato de tal telesmata ser consumido pelo mago introduz em seu ser um poder espiritual que em virtude de sua energia inerente expulsa elementos impuros de seu ser, elevando e transmutando o ser humano integral a um plano mais grandioso. Desta maneira se procede a transformação do corpo de luz de um escuro corpo lunar para um corpo solar, um organismo resplandecente, nítido e de forma bem definida, que fulgura como aço brilhantemente polido, capaz de atravessar todo pilone, penetrar os santuários mais zelosamente guardados e ingressando na lista de assistência dos guardiães angélicos. Com este corpo solar de substância espiritualizada, a veste deslumbrante do Banquete de Casamento, o teurgo não experimentará qualquer dificuldade para ascender nos planos a partir de Malkuth através do caminho de Saturno até a esfera do Fundamento. * Do Fundamento é possível para ele através da Seta da Aspiração e do Poder da Harmonia e da Beleza para cima – sempre para cima além do deserto infecundo do Abismo ** no qual ele monta o camelo cabalístico, *** recebido jubilosa e lisonjeiramente pela Rainha no Palácio do Rei, que é a Coroa **** santa da Árvore da Vida. Chegado à Coroa, o mago não é mais. Não obstante, aí ainda existe aquela consciência superior da Vida Eterna que constitui a individualidade real do mago – aquela parte real dele da qual, talvez, tenha estado raramente consciente durante as suas vidas anteriores sobre a Terra – aquele espírito primordial e universal, que pulsa e vibra invisível no cerne do coração de todos.*

* A Sefhira Yesod, a primeira acima de Malkuth. (N. T.)

** Regardie faz referência à Sefhira misteriosa Daäth. (N. T.)

*** Referência ao caminho de Gimel (camelo) na Árvore da Vida. (N. T.)

**** Kether, a Sefhira mais elevada da Árvore da Vida. (N. T.)

Escreveu Porfírio que "as almas ao atravessar as esferas dos planetas vestem, como túnicas sucessivas, as qualidades desses astros." Visto que os planetas e os signos zodiacais foram atribuídos à Árvore e estão incluídos na implicação das dez Sefhiroth, o mago por meio desse processo da ascensão nos planos assimila as qualidades e características mais elevadas de cada planeta e cada Sefhira. À medida que o skryer ascende à Luz suprema da Cham a imperecível da Vida incorpora em si mesmo o poder inato dos planos pelos quais ele passa e como as características inferiores de seu ser são dificilmente compatíveis com a ígnea majestade impessoal do domínio celestial, são

removidas deixando as características superiores como os augustos guardiões do campo da consciência. Todas as características dos mundos excelsos são sucessivamente assumidas pelo mago, e transcendidas até que ao fim de sua jornada mágica ele é fundido ao ser do Senhor de toda Vi da. A meta final de sua peregrinação espiritual é o êxtase de paz no qual a personalidade, o pensamento e a autoconsciência finitos, mesmo a elevada consciência dos deuses supremos, declinam cabalmente e o mago se funde na unidade do Ain-Sof, onde nenhuma sombra de diferença ingressa.

CAPÍTULO XVI

Ao começar esboçar e escrever este livro acerca de magia era a firme intenção do autor elucidar todos os processos mágicos tão simples e inteligivelmente quanto fosse humanamente possível e coerente com o tratamento exegético de um assunto sumamente difícil e complexa. Pelo fato de ter havido no passado tanta obscuridade deliberada e matéria propositadamente enganosa, pareceu a hora exata de produzir uma declaração que pudesse ser utilizada de uma vez por todas como uma exposição clara e definida. O autor espera ter sido fiel a essa intenção ao longo do texto, embora quanto a este ponto o leitor deva ser o único juiz. Ambigüidade e por vezes deliberada tentativa de ludibriar mediante o emprego de simbolismo difícil e a citação de extensas séries de nomes de autoridades têm caracterizado muitos livros de magia, pondo a perder qualquer valor que eles pudessem ter. Resta delinear neste livro uma fórmula secreta de magia prática de uma natureza tão tremenda – encoberta como sem pre esteve no passado pelo deslumbramento de símbolos recônditos e oculta por pesados véus – que este autor está em dúvida se seria sábio ou político se ater a sua decisão original. Poderia, é claro, ter sido omitida do conteúdo geral, mas foi necessário incluí-la sob alguma forma a fim de tornar este tratado moderadamente completo na medida do que concerne aos principais, embora elementares aspectos da alta magia. O método do qual nos propomos a falar aqui constitui uma fórmula tão poderosa da magia da luz e tão passível do abuso e uso indiscriminados na magia negra que se uma concepção de sua técnica e teoria é realmente para ser apresentada, a intenção original deste autor tem que ser descartada. Será preciso valer-se do meio de um simbolismo eloqüente que foi utilizado durante séculos para transmitir estas e idéias similares. E ao leitor deve se assegurar que o simbolismo não foi propositadamente desorganizado, nem foi tampouco tornado ambíguo, obscuro e destituído de sentido. Se meticolosamente estudados, os termos empregados revelarão uma coerência e uma continuidade que desvendarão às pessoas certas de um modo absolutamente preciso os processos de sua técnica.

A Missa do Espírito Santo! Assim é chamada esta técnica específica. É única em toda a magia pois nela está compreendida quase toda forma conhecida de procedimento teúrgico. Ao mesmo tempo, é a quintessência e a síntese de todas elas. Entre outras coisas diz respeito à magia dos talismãs. Por meio desse método uma força espiritual viva é confinada numa substância telemática específica. Não se trata de telemata morto ou inerte como acontece na costumeira evocação talismânica cerimonial, mas sim de imediato vibrante, dinâmico e contendo em germe e potencial a possibilidade de todo crescimento e desenvolvimento. De uma maneira muito especial, se refere, ademais, à fórmula do Cálice Sagrado. Um cálice dourado de graça espiritual é utilizado no qual a própria essência e sangue vital do teurgo têm que ser derramados para a redenção não de sua própria alma, mas que por intermédio disso toda a espécie humana possa ser salva. A euraristia também está implícita e o cálice é usado como a taça da comunhão, cujo conteúdo santificado – taumatúrgico e iridescente, em suma o

vinho sacramental – tem que ser dedicado e consagrado ao serviço do Altíssimo. A oblação a ser consumida com o vinho eucarístico é, em função dessa interpretação, a essência secreta tanto do mago intoxicado quanto do supremo deus que ele invocou. Neste método está presente também em larga escala a técnica alquímica, visto que concerne majoritariamente à produção do ou ro potável, a pedra filosofal e o elixir da vida que é Amrita, o rocio da imortalidade.

O leitor deve, acima de tudo, ter em mente a fórmula filosófica do Tetragrammaton, que é o método desta missa. Isto demonstra a necessidade de uma familiarização prática com os princípios numéricos da Santa Cabala, pois quanto mais conhecimento se possui, sistematicamente classificado no sistema indicador da Árvore da Vida, mais sentido e significação se vinculam à fórmula de Tetragrammaton. No capítulo em que se esboça a teoria mágica do universo as implicações gerais do Nome sagrado foram resumidamente explicadas relativamente a essas conexões. Estas idéias devem ser inteiramente assimiladas em relação à Árvore. Munido deste entendimento, o leitor deverá aplicar seus poderes ao esquema simbólico que se segue.

*Ilustrando o cabeçalho de um capítulo no livro de Franz Hartman Secret Symbols of the Rosicrucians (Símbolos Secretos dos Rosacruz) vemos um desenho de uma sereia irrompendo do mar. Suas mãos estão junto aos seus seios e dali brotam duas torrentes que retornam ao mar. Explicando esta figura Hartman escreveu que "... a figura representa o fundamento das coisas e sua origem. Trata-se de um princípio duplo da natureza; seus pais são o Sol e a Lua ; produz água e vinho, ou ro e prata pela bênção de Deus. Se torturas a águia, o leão se tornará débil. As 'lágrimas da águia' e o 'sangue vermelho do leão' têm que se encontrar e se misturar. A águia e o leão se banham, comem e se amam. Eles ficarão como a salamandra e ficarão constantes no fogo." Na elaboração do que foi dito acima os seguintes princípios podem ser postulados. O Y * do nome sagrado neste sistema é chamado de leão vermelho e a primeira H ** é a águia branca. Concebe-se que estas duas letras sejam as representações de dois princípios cósmicos, dois rios de sangue escarlate que brotam dos seios da sereia para dentro do mar, duas torrentes distintas e incessantes de vida, luz e amor que procedem eternamente da própria Vida. Nelas reside o poder de tocar e comungar, fazendo um novo do outro, sem nenhuma ruptura das fronteiras sutis das torrentes ou qualquer confusão de substância. Em sua natureza são mutuamente complementares e opostas, e no entanto nelas está fundada a totalidade da existência. Todas as operações alquímicas de acordo com as autoridades requerem dois instrumentos principais: "um recipiente circular, cristalino, precisamente proporcional à qualidade de seu conteúdo" ou cucúrbita e " um forno teosófico selado cabalisticamente ou Athanor. *** O Athanor é atribuído ao Y e a cucúrbita é uma atribuição da H.*

** A letra Yod. (n .t.)*

*** A letra Hé. (N. T.)*

**** Amphitheatrum, H. Khunrath.*

*Agora apesar do ouro puro que se menciona ser uma substância homogênea, una e indivisível, dinâmica e prenhe de possibilidade infinita, duas substâncias separadas são usadas em sua produção. Estas são denominadas serpente ou o sangue do leão vermelho e as lágrimas ou o glúten da águia branca. A serpente é uma atribuição da V **** do Tetragrammaton e o glúten é alocado à última H deste nome. Estas duas*

substâncias são a p role, por assim dizer, do leão e da águia. Os instrumentos alquímicos acima mencionados devem ser considerados como os armazéns ou geradores desses dois princípios divinos ou torrentes de rápido fluxo de sangue, fogo e força, o Athanor sendo a fonte ou veículo da serpente, o glúten estando alojado na cucúrbita.

A fabricação do ouro alquímico que é o rocio da imortalidade consiste de uma operação peculiar que apresenta várias fases. Pelo estímulo do calor e do fogo espiritual para o Athanor deve haver uma transferência, umas ascensão da serpente daquele instrumento para dentro da cucúrbita, usada como uma retorta. O casamento alquímico ou a combinação das duas correntes de força na retorta produz de imediato a decomposição química da serpente no mênstruo do glúten, sendo este a parte do solve da fórmula alquímica geral do solve et coagula. Junto à decomposição da serpente e sua morte surge a resplendente Fênix que, como um talismã, deve ser carregada por meio de uma contínua invocação do princípio espiritual compatível com a operação em andamento. A conclusão da missa consiste ou no consumo dos elementos transsubstanciados, que é a Amrita, ou no ungir e consagração de um talismã especial.

Antes de prosseguir com a análise dos aspectos desta operação, gostaria de apresentar ao leitor uma citação na qual essa missa é repetida com certos detalhes, empregando a usual nomenclatura da alquimia. "Eu sou uma deusa de beleza e linhagem famosas, nascida do nosso próprio mar que rodeia a terra toda e que está sempre inquieto. Dos meus seios verto leite e sangue, fervendo-os até que se transformem em prata e ouro. Ó objeto o mais excelente, do qual todas as coisas são geradas, embora à primeira vista tu sejas veneno, adornado com o nome da Águia alada . . . Teus pais são o Sol e a Lua; em ti há água e vinho, ouro também e prata sobre a Terra, que o homem mortal possa regozijar... Mas considera, ó homem, que coisas Deus te concede por este meio. Tortura a águia até que ela pranteie e o leão esteja debilitado e sangue até morrer. O sangue deste leão incorporado às lágrimas da águia é o tesouro da terra." Isto, sem dúvida, é também explicativo da figura reprodutida por Franz Hartman.

Segundo certas autoridades, estima-se em termos aproximativos que a operação não deve levar menos de uma hora da invocação preliminar, com o aprisionamento da força nos elementos, até o ato de compartilhar a própria comunhão a partir do cálice consagrado. Às vezes, de fato, se requer um período muito mais longo, especialmente se houver a exigência da carga do talismã ser completa e perfeita. Deve-se ter grande cautela para evitar a perda imprudente dos elementos. Existe a possibilidade de efetivo vazamento ou um transbordamento da cucúrbita, e a assimilação ou evaporação dos elementos corrompidos no interior desse instrumento constitui também um acidente bastante deplorável. Nunca é demais enfatizar que se os elementos não forem consagrados corretamente; ou em primeiro lugar se a força invocada não se impingir ou ficar inseguramente confinada dentro dos elementos, toda a operação poderá ser anulada. E poderá facilmente degenerar às profundezas mais inferiores, resultando na criação de um horror qlifótico que passará a existir como um vampiro atuando sobre os não-naturalmente sensíveis e aqueles inclinados para a histeria e a obsessão. Se o elixir for adequadamente destilado, servindo como o meio do espírito invocado, então os céus serão franqueados, e os portais se voltarão para o teurgo, os tesouros da Terra serão colocados aos seus pés. "Se o descobrires, cala e o mantém sagrado. Não confia em ninguém exceto em Deus."

O problema do vínculo para ligar a operação mágica ao resultado desejado deve ser considerado em todos seus numerosos aspectos. Se a operação for daquelas que realmente exige um talismã exterior para a produção visível de seu efeito, um selo apropriado deverá ser construído de metal, cera ou sobre pergaminho. Pode ser consagrado e ungido com o elixir que foi criado através dos canais da Obra hermética. Esses selos e talismãs descritos na Chave de Salomão e em < i>The Magus são para uma finalidade absolutamente adequada. Caso a operação proposta pelo teurgo seja pertinente às qualidades de Júpiter, um pantáculo apropriado deve ser preparado antes da operação. Durante a confecção do elixir, deve-se assumir a máscara divina de Maat e recitar uma conjuração do anjo ou inteligência necessários. No encerramento da missa, uma quantidade minúscula do rocío superior deve ser colocada sobre o sigillum ou talismã de Júpiter, carregando-o assim de uma força insuperável para a produção dos resultados desejados. Variações deste procedimento provavelmente ocorrerão com a prática.

Não se cogita da questão de um vínculo numa cerimônia conduzida visando uma finalidade na qual o círculo e o triângulo, por assim dizer, ou o demônio e o exorcista, ocupam o mesmo plano; ou seja, quando o teurgo trabalha exclusivamente sobre sua própria consciência sem referência à qualquer efeito exterior. A missa do Espírito Santo, num tal caso, tem automaticamente seu clímax pelo consumo dos elementos carregados, a força invocada encarnando dentro do mago como fato lógico, natural. É neste tipo de operação, acho, que a missa do Espírito Santo gera a maior quantidade de força e atinge o mais alto nível de eficiência.

Mesmo para operações ordinárias, a grande vantagem deste método é que é possível dispensar o cerimonial quase que completamente. O mago pode com absoluta facilidade executar o ritual do banimento no astral e as invocações podem ser silenciosamente recitadas de modo que nenhuma magia de natureza cerimonial possa ser percebida pelo profano. No caso, contudo, de operações em que o resultado desejado existe num outro plano ou exterior à consciência do mago, os efeitos nem sempre parecem se seguir com a mesma infalibilidade e seqüência como acontece nas operações subjetivas. O exame de registros privados conservados por magos que utilizaram esse engenho mágico tendem a mostrar que seu melhor emprego é para trabalhos dentro da consciência do mago. É nestas matérias que a missa do Espírito Santo é o mais poderoso e eficaz. Para o desenvolvimento da vontade mágica, o aumento da imaginação e a invocação tanto de Adonai quanto dos deuses universais para que habitem o templo consagrado do Espírito Santo, dificilmente se pode conceber um método melhor ou mais adequado. Não implica em nenhum gasto de energia vital visto que qualquer energia assim utilizada na operação retorna ao fim ao mago ampliada e enriquecida com o nascimento da Fênix dourada, o símbolo da ressurreição e do renascimento.

O poder supremo atuante nessa técnica é o amor. Por mais banal que isto possa parecer, e por mais que esta palavra tenha se tornado vulgar, é preciso reiterar que o amor é o poder motivador, uma força de amor mantida sempre sob controle pela vontade e controlada pela alma. O poder destrutivo da espada e tudo aquilo em que implica a espada, o caráter dispersivo da adaga ou de qualquer outra das armas elementares, aqui não tem lugar. Este método, portanto, se recomenda como sendo dos mais excelentes. Visto que participa efetivamente do amor, pertence ao estofado e essência da própria vida.

Em operação essa missa é extraordinariamente simples. De fato, um mago observou que não é mais complicado do que andar de bicicleta, isto é, uma vez certas

preliminares e o treinamento tenham sido concluídos. Mais do que qualquer outra coisa requer uma *vontade* peculiarmente potente e independente, sustentando, claro, prévia disciplina e uma mente que tenha sido treinada em concentração por longos períodos de tempo. Uma das peculiaridades dessa técnica é que a menos que se seja excepcionalmente cauteloso e alerta desde o início é coisa fácil para o mago perder o controle de seus instrumentos alquímicos e assim arruinar a operação inteira. Alegria na mera execução técnica da missa com a exclusão devido trabalho mágico constitui o grande e supremo perigo. Por outro lado, porque este elemento de prazer e alegria aqui realmente ingressa, esta técnica supera em excelência todas as demais. A mente tem que ser treinada na concentração sob todas as circunstâncias. Como uma preliminar à prática mágica deste tipo, a técnica da ioga se revela sumamente vantajosa. Pode-se até afirmar que para o verdadeiro sucesso em toda a magia é absolutamente essencial uma completa fundamentação na técnica da ioga.

Uma observação adicional não seria inoportuna. Superficialmente e à primeira vista pode parecer que entre esse tipo de operação mágica, descrito de maneira tão hesitante, e o trabalho cerimonial costumeiro há um grande hiato. É verdade que a *missa do Espírito Santo* constitui um avanço no funcionamento lento e embaraçoso do cerimonial, isto embora este último seja essencial no princípio do treino mágico. Este método é consideravelmente mais direto e incisivo, e devido à classe peculiar de energias que desencadeia sobre a natureza, seus efeitos são extremamente mais poderosos e de alcance bem maior do que os do cerimonial por si só. Entretanto, a despeito de subsistirem como duas categorias distintas de trabalho, podem com grande proveito ser combinadas e usadas uma em conjunção com a outra.

As autoridades alquímicas, as quais avaliaram esse método, têm como consenso geral que por mais que seja grandioso seus resultados não podem ser logrados sem a oração. Sem a oração sincera nada permanente ou divino poderia ser realizado. Por conseguinte, enquanto a operação da missa está em andamento e o fogo no *Athanor* se intensifica, uma invocação entusiástica, seja astral ou audível, deve ser pronunciada. É aconselhável que seja da natureza de um curto *mantra* apropriado à natureza e tipo do trabalho, de composição rítmica. A operação como um todo poderia ser precedida por uma invocação mais geral para legitimar o trabalho. À medida que o trabalho astral de criação progride, o *mantra* rítmico ajudará a formular e vivificar os moldes produzidos pela *vontade* e a *imaginação*, atraindo a força espiritual desejada. E então, quando a *serpente* é transferida do *Athanor* e a corrupção alquímica começa no *glúten* da águia branca, a cucúrbita será o receptáculo de uma nova substância, viva e dinâmica, contendo a marca indelével das invocações que terão dotado sua plasticidade e potencialidade de ímpeto avassalador numa dada direção. Conclui-se que se partilhando dessa substância que é o *mercúrio filosófico*, impregnado com uma inteligência de energia espiritual dinâmica capaz de produzir dentro dos limites de sua esfera a mudança desejada, a realização plena e satisfatória coroará a aspiração do mago.

Conduzida dentro de um *círculo* adequadamente consagrado, após um perfeito banimento, seguida por uma poderosa conjuração da força divina e o assumir da forma divina apropriada, a cerimônia pode se revelar detentora de poder incomparável para franquear os *Portais dos Céus*. Utilizando-se apenas a *taça* e o *bastão* como armas elementares, em associação com o *mantra* ou a invocação rítmica especializada, é raro que a missa falhe ou não produza efeito. Esta união de duas armas mágicas diferentes, bastante divorciadas como possam ter se afigurado num primeiro momento, aumenta a

potência de cada uma delas já que combinam numa operação única os melhores aspectos e as maiores vantagens de ambas.

CAPÍTULO XVII

Agora os mais importantes aspectos da magia foram abordados. Antes de encerrar este livro, entretanto, desejo apresentar alguns exemplos de vários tipos de rituais e invocações que estão incluídos numa cerimônia completa. Diversas espécies de rituais foram mencionados nas páginas anteriores e agora é necessário tornar tais referências mais explícitas. Uma operação cerimonial completa é composta de muitos ciclos menores, por assim dizer. Independentemente de todas as questões de preparo e consagração das armas da *arte*, o *círculo* e o *triângulo* e os *talismãs*, com relação ao método que foi descrito, a cerimônia correta pode incluir até oito fases distintas, não mencionando em absoluto do fato de que possa ser necessário que muitas delas sejam repetidas duas ou três vezes para efeito de ênfase. A cerimônia é aberta com um completo *Ritual de Banimento*, que já foi citado para tornar pura e limpa a esfera de trabalho. Segue-se usualmente uma invocação geral ou *oração ao Senhor do Universo*. Na seqüência se procede ao trabalho preciso. Deve haver uma invocação ao deus que governa a operação, a recitação de um apelo ao *arcanjo* ou *anjo* sucedida por uma poderosa conjuração do *espírito* ou *inteligência* para sua aparição visível. Sua manifestação no *triângulo* é saudada por boas-vindas especiais ensejo no qual se queima incenso como uma oferenda e para lhe dar corpo. Segue-se então a *Licença para Partida* e a *operação* é concluída por um completo *banimento* cerimonial. Propomos, assim, neste capítulo final, dar vários exemplos de cada um dos ciclos mais importantes do trabalho, reproduzindo aquelas invocações que são consideradas exemplares pelas autoridades.

A preparação de um *templo* ou aposento adequado a ser empregado como o cenário das operações mágicas é uma das mais importantes preliminares a serem atendidas pelo teurgo. O uso contínuo de um aposento especial no qual a preocupação principal foi com a prática da meditação e coisas geralmente mágicas tende automaticamente a consagrar essa área limitada à Grande Obra, expelindo todas as influências indesejáveis e perturbadoras. Uma simples forma de cerimônia consagrando um a câmara especial para um propósito mágico pode ser concebida muito facilmente incorporando-se o *Ritual do Pentagrama* com diversos aforismos dos Oráculos Caldeus, como por exemplo no ritual que se segue.

"Que o mago encare o leste e segurando o bastão de lótus pela parte negra, diga as seguintes palavras:

HEKAS, HEKAS, ESTI BEBELOI!

"Então que se realize o *Ritual Menor de Banimento do Pentagrama* de maneira que um *círculo* seja formado abrangendo a área da câmara inteira, depois do que o bastão deve ser depositado sobre o *altar*.

"Purifica os limites externos do *círculo* com água, dizendo: ‘ Assim portanto primeiro o Sacerdote que governa os trabalhos do *fogo* tem que borrifar a água do mar que alto ressoa.’

"Purifica com fogo, dizendo: ' E quando depois de todos os *fantasmas* tu veres aquele *santo fogo amorfo*, aquele *fogo* que dardeja e lampeja através das profundezas ocultas do universo, escuta a *voz do fogo*. '

"Então toma novamente o bastão de lótus pela extremidade branca, e repete a *adoração*:

" *'Santo és tu Senhor do Universo.*

Santo és tu cuja natureza não formou.

Santo és tu o Vasto e Poderoso,

Senhor da Luz e das Trevas.' "

Imediatamente após os banimentos iniciais terem sido realizados, e logo antes do princípio da cerimônia, aconselha-se uma *invocação* do *Altíssimo*. Tal como a vontade inferior aspira àquilo que está acima, do mesmo modo se concebe que o mais alto aspirará à união com aquilo que está abaixo. Para equilibrar a cerimônia uma invocação da *Vontade Superior* – seja esta concebida como o *Augoeides* ou o *Senhor do Universo* – é considerada parte indispensável de qualquer operação. A oração que é apresentada abaixo aparece primeiramente em *The Secret Symbols of the Rosicrucians* (Os Símbolos Secretos dos Rosacruzes), de Franz Hartman e é uma das hinos mais eloqüentes e exaltadores já escritos que se enquadra ao propósito mencionado acima.

"Eterna e Universal Fonte do Amor, Sabedoria e Felicidade; a Natureza é o livro no qual Teu caracter está inscrito e ninguém é capaz de lê-lo a não ser que tenha estado em Tua escola. Portanto, nossos olhos estão dirigidos para Ti, como os olhos dos servos estão dirigidos sobre as mãos de seus senhores e senhoras, dos quais recebem suas dádivas.

"Ó tu Senhor dos Reis, quem deixaria de louvar-Te incessantemente, e para sempre com todo seu coração? Pois tudo no universo procede de Ti, de Teu interior, pertence a Ti e é imperioso que novamente retorne a Ti. Tudo que existe reingressará em última instância em Teu Amor ou Teu Ódio, Tua Luz ou Teu Fogo, e tudo, seja bom ou mau, deve servir à Tua glorificação.

"Tu somente é o Senhor pois Tua Vontade é a fonte de todos os poderes que existem no universo; nada pode escapar a Ti. És o Reio do Mundo, Tua residência é no Céu e no santuário do coração dos virtuosos.

"Deus universal, Vida Una, Luz Una, Poder Uno, Tu Tudo em Tudo, além da expressão e além da concepção. Ó Natureza! Tu alguma coisa a partir de nenhuma coisa, tu símbolo da Sabedoria! Em Mim Mesmo eu sou nada, em Ti eu sou eu. Eu vivo em Ti eu feito de nada; vive Tu em mim, e tira-me da região do eu para a Luz Eterna."

Em *A Magia Sagrada de Abramelin*, o Mago Abraão, o Judeu cuidadosamente insistiu em não fornecer orações ou invocações, sugerindo que as melhores invocações seria aquelas escritas por cada indivíduo de maneira a atender a necessidades pessoais. Apresenta, todavia, nas páginas de seu livro uma *oração* que é adequada, tal como a oração rosacruz precedente, para a formação da abertura da cerimônia colimando o soerguimento da mente do mago e a atração da insuflação divina para a bênção do trabalho em pauta*.

* Embora ainda assim se trate da oração *pessoal* que Abraão empregou em sua consagração. (N. T.)

"Ó Senhor Deus de Misericórdia; Deus, Paciente, Benigníssimo e Liberal, que concedeis Vossa Graça de mil maneiras, e por mil gerações; que esqueceis as iniquidades, os pecados e as transgressões dos homens; em cuja Presença ninguém é encontrado inocente; que visitais as transgressões dos pais para com os filhos e sobrinhos, até a terceira e quarta gerações; conheço minha miséria e não sou digno de aparecer perante Tua Divina Majestade, nem mesmo de implorar e buscar Vossa Bondade e Mercê para a mínima Graça. Mas, ó Senhor dos Senhores, a Fonte de Vossa Bondade é tamanha, que por Si só chamou aos que estão confundidos por seus pecados e não se atrevem a se aproximar, e convidou-os a beber de Vossa Graça. Onde, ó Senhor meu Deus, tende piedade de mim e afastai de mim toda iniquidade e malícia; limpai minha alma de toda impureza de pecado; renovai-me em meu Espírito, e confortai-o, de modo que possa se tornar forte e apto a compreender o Mistério de Vossa Graça, e os Tesouros de Vos sa Divina Sabedoria. Santificai-me também com o Óleo de Vossa Santificação, com que santificastes todos os Vossos Profetas; e purificai-me com ele em tudo o que me é pertinente, de modo que possa me tornar digno da Conversação de Vossos Santos Anjos** e de Vossa Divina Sabedoria, e concedei-me o Poder que destes a Vossos Profetas sobre todos os Espíritos Maus. Amém. Amém***."

** O autor registra *Holy Guardian Angels (Santos Anjos Guardiões)*. Este tradutor omitiu *Guardiões* por não constar no original transcrito. (N. T.)

*** Tomei a liberdade de acrescentar *Amém. Amém.*, por fidelidade ao original transcrito. (N. T.)

Talvez um dos mais primorosos hinos conhecidos por este autor é um escrito por Aleister Crowley. Está presente numa peça mística intitulada *The Ship* composta há muitos anos atrás e é isento de todas as incômodas implicações metafísicas constantes em outras orações, as quais tendem a melindrar sensibilidades filosóficas. Como é, inclusive, em forma poética****, o efeito é cumulativo, facilitando grandemente o processo de exaltação.

**** É preciso que o leitor compreenda que, como no caso de demais poesias aqui traduzidas, a rima é muitas vezes sacrificada em prol da justeza e ritmo do texto em português. (N. T.)

"Tu que és eu, além de tudo que sou,
Que não possui nenhuma natureza e nenhum nome,
Que és quando todos exceto Tu já se foram,
Tu, centro e segredo do Sol,
Tu, fonte oculta de todas as coisas conhecidas
E desconhecidas, Tu afastado, só,
Tu, o fogo verdadeiro dentro do junco
Procriando e criando, fonte e semente

De vida, amor, liberdade e luz,
Tu que transcende discurso e visão,
Tu eu invoco, meu débil e fresco fogo
Acendendo à medida que meus intentos aspiram.
Tu eu invoco, Tu que és permanente,
Tu, centro e segredo do Sol,
E aquele mistério santíssimo
Do qual eu sou o veículo.
Aparece, sumamente terrível e sumamente brando,
Como é lícito, em Tua criança.
Pois do Pai e do Filho,
O Espírito Santo é a norma;
Macho-fêmea, quintessencial, uno,
Homem-sendo velado sob forma de mulher.
Glória e veneração no mais excelso,
Tu Pomba, humanidade que deifica,
Sendo esta raça mui realmente governada,
Do brilho do sol da primavera até a borrasca do inverno.
Que Tu sejas glorificado e venerado
Seiva do freixo do mundo, árvore de prodígios!
Glória a Ti que procedes do Túmulo Dourado.
Glória a Ti que procedes do Útero que Espera.
Glória a Ti que procedes da terra não arada!
Glória a Ti que procedes da virgem que fez voto!
Glória a Ti, Unidade verdadeira
Da Trindade Eterna!
Glória a Ti, Tu genitor e genitora
E eu de Eu sou o que Eu sou!
Glória a Ti, Sol eterno,

Tu Um em Três, Tu Três em Um!

Que Tu sejas glorificado e venerado,

Seiva do freixo do mundo, árvore de prodígios! "

Nos escritos do mui eminente platonista *Thomas Taylor* podem ser encontrados alguns exemplos salutares de hinos e invocações adequados ao trabalho mágico. Aliás, há um volume traduzido por Taylor em 1787 do grego intitulado *The Mystical Hymns of Orpheus* (Os Hinos Místicos de Orfeu) no qual há invocações dirigidas a quase cada um dos deuses principais; de sorte que para o aprendiz de teurgia esse volume se destina a ser extremamente útil em seu trabalho prático, especialmente em vista do fato de Taylor ser da opinião de que o conteúdo do livro era usado nos Mistérios de Elêusis. Pertencente ao tipo de oração geral que deve preceder a uma cerimônia, transcrevemos aqui um notável Hino ao Céu que para seu propósito é incomparável.

"Grande Céu, cuja poderosa estrutura não conhece repouso,

Pai de tudo de que o mundo surgiu;

Escutai, pai generoso, origem e desfecho de tudo,

Para sempre circundando esta esfera terrestre;

Moradia dos deuses, cujo poder guardião cerca

O mundo eterno dentro de limites perenes;

Cujo seio amplo e dobras envolventes

Sustentam a necessidade terrível da natureza.

Etérea, terrestre, cuja estrutura multivariada,

Cerúlea e plena de formas, nenhum poder é capaz de domar.

Onividente, fonte de Saturno e do tempo,

Para sempre abençoada, divindade sublime,

Propícia sobre um novo brilho místico,

Coroai seus desejos com uma vida divina."

No mesmo volume há um *Hino à Mãe dos Deuses* que como uma invocação pode ser empregado exatamente da mesma maneira para preceder o trabalho cerimonial efetivo. É especialmente digno de ser citado.

"Mãe dos Deuses, grande ama-seca de todos, aproxima-te

Divinamente honrada e considera minha oração.

Entronizada num carro por leões tirado,

Por leões destruidores de touros, céleres e fortes,

Tu agitas o cetro da vara divina,

E o assento intermediário do mundo, mui afamado, é Teu.

Daí a terra é Tua, e mortais necessitados dividem

Seu alimento constante, a partir de Tua proteção.

De Ti o mar e todos os rios fluem.

Achamos Teu nome o melhor e fonte de riqueza

Aos homens mortais que se regozijam em ser bondosos;

Pois a cada bem a ser dado Tua alma se delicia.

Vem, poder formidável, propício aos nossos ritos,

Aquela que tudo doma, abençoada, Salvadora frígia, vem,

Grande rainha de Saturno, que se regozija no tambor

Donzela celestial, antiga, mantenedora da vida,

Fúria inspiradora, dá ao Teu suplicante ajuda;

Com aspecto jubiloso sobre o nosso incenso brilha

E satisfeita, aceita o sacrifício divino."

A oração apresentada a seguir é um extrato de uma cerimônia invocando o Santo Anjo Guardião levada a efeito pelo falecido Allan Bennett, um dos *Adeptos* da *Golden Dawn* antes de ter ingressado no *sangha* budista e ter se tornado *bhikkhu* Ananda Metteya.

"Que Tu sejas adorado, Senhor da minha Vida, pois Tu permitiste a mim adentrar até aqui o Santuário de Teu Inefável Mistério; e te dignaste a manifestar para mim algum pequeno fragmento da Glória de Teu Ser. Ouve-me, Anjo de Deus, o Vasto; ouve-me e admite minha oração! Concede que eu sempre sustente o Símbolo do Auto-sacrifício; e concede a mim a compreensão de tudo que possa me aproximar de Ti! Ensina-me, Espírito estrelado, mais e mais de Teu Mistério e Tua Maestria; permite qu e cada dia e cada hora me deixem mais perto, mais perto de Ti! Permite-me auxiliar-Te em Teu sofrimento de modo que possa algum dia tornar-me participante de Tua Glória, naquele dia quando o Filho do Homem for invocado ante o Senhor dos Espíritos, e Seu Nome na presença da Anciã dos Dias!

"E neste dia ensina-me esta única coisa: como posso aprender de Ti os Mistérios da Alta Magia da Luz. Como posso eu ganhar dos Habitantes dos Elementos brilhantes o conhecimento e poder destes: e como eu posso empregar da melhor maneira esse conhecimento para ajudar meus semelhantes.

"E finalmente oro a Ti para que possa haver um laço de Dependência entre nós; que eu possa sempre buscar, e buscando obter ajuda e conselho de Ti que és minha própria individualidade. E diante de Ti eu prometo e juro que pelo apoio Daquele que senta no Trono Santo purificarei meu coração e mente de modo que um dia possa me tornar verdadeiramente unido a Ti, que és em Verdade meu Gênio Superior, meu Mestre, meu Guia, meu Senhor e Rei! "

Embora a forma das invocações gnósticas tenha se tornado bastante conhecida no meio daqueles que estudam magia e misticismo, há uma invocação particularmente boa que desejo reproduzir aqui, extraída do manuscrito Bruce. Contém diversos nomes bárbaros evocatórios e foi proferida por Jesus para a purificação de seus discípulos.

"Ouve-me, ó meu Pai, Pai de toda Paternidade, Luz Infinita, torna este meus discípulos dignos de receber o Batismo do Fogo, perdoa seus pecados, purifica as iniquidades que eles cometeram consciente ou inconscientemente, aquelas que cometeram desde sua infância até mesmo aos dias de hoje, suas palavras impensadas, seu discurso maligno, seus falsos testemunhos, seus furtos, suas mentiras, suas calúnias enganosas, suas fornicções, seus adultérios, sua cobiça, sua avareza e todos os pecados que possam ter cometido, apaga-os, purifica-os deles e permita que ZOROKOTHORA venha em segredo e lhes traga a Água do Batismo do Fogo da Virgem do Tesouro.

"Ouve-me, ó meu Pai: eu invoco Teus Nomes Incorruptíveis Ocultos nos *Aeons* para sempre, AZARAKAZA AAMATHKRATITATH IOIOIO ZAMEN ZAMEN ZAMEN IAOTH IAOTH IAOTH PHAOPH PHAOPH PHAOPH KHIOEPHOZPE KHENOBINYTH ZARLAI LAZARLAI LAIZAI, AMEN AMEN; ZAZIZAYA NEBEOYNISPH PHAMOY PHAMOY PHAMOY AMOYNAI AMOYNAI AMOYNAI AMEN AMEN AMEN ZAZAZAZI ETAZAZA ZOTHAZAZAZA. Ouve-me, meu Pai, Pai de todas as paternidades, Luz Infinita, eu invoco Teu s Nomes Incorruptíveis que estão no *Aeon* de Luz para que ZOROKOTHORA me envie a Água do Batismo Ígneo procedente da Virgem de Luz para que eu possa batizar meus discípulos. Ouve-me novamente, ó meu Pai, Pai de toda Paternidade, Luz Infinita, para que a Virgem de Luz possa vir, que ela possa batizar meus discípulos com Fogo, que ela possa perdoar seus pecados, purificar suas iniquidades, pois eu invoco Teu Nome Incorruptível que é ZOTHOOZA THOITHAZAZZAOTH AMEN AMEN AMEN. Ouve-me também ó Virgem de Luz, ó Juíza da Verdade, perdoa os pecados de meus discípulos; e se, ó meu Pai, Tu apagares suas iniquidades, possam eles ser inscritos herdeiros do Reino da Luz, e para este fim realiza um milagre sobre estes incensários de suave perfume."

Pouca engenhosidade da parte do noviço será exigida para efetuar as necessárias alterações destes rituais de modo a adaptá-los às suas próprias finalidades. Um pronome aqui mais uma palavra ali e o resultado é um ritual pessoal. O mesmo se revela verdadeiro no que concerne aos rituais dos Livro dos Mortos, muitos deles sendo líricos e panegíricos. No capítulo CLXXXII é apresentada uma curta invocação na qual Thoth é representado em identificação com os mortos.

"Eu sou Thoth, o escriba perfeito cujas mãos são puras. Eu sou o Senhor da pureza, o destruidor do mal, o escriba do correto e da verdade, e o que abomino é o pecado*."

* O leitor deve considerar o termo *pecado* aqui com certas reservas devido ao significado e conotação que essa palavra adquiriu na teologia judaico-cristã. É aconselhável prender-se ao sentido original do vocábulo latino *peccatum*, a saber: falta, erro, crime. (N. T.)

"Contempla-me pois eu sou o junco de escrita do deus Neb-er-tcher, o senhor das leis, que concede a palavra da sabedoria e do entendimento, e cujo discurso exerce domínio sobre a terra dupla. Eu sou Thoth, o senhor do correto e da verdade, que faz o fraco conquistar a vitória e que vinga os infelizes e os oprimidos naquele que lhes causou dano.

"Eu dispersei as trevas!

"Eu afastei a tempestade, e trouxe o vento a Un-Nefer, a brisa formosa do vento do norte, mesmo brotando do útero de sua mãe.

"Eu o fiz ingressar a morada oculta e ele vivificará a alma do *Coração Tranquilo*, Un-Nefer, o filho de Nuit, Hórus triunfante! "

Ocioso dizer que no emprego da invocação acima a *forma* do deus Thoth é magicamente assumida e o próprio ritual enumera algumas das qualidades e poderes do deus, a recitação do mesmo auxiliando na união e mescla das substâncias. O exemplar de ritual dado por E. A. Wallis Budge em *The Gods of the Egyptians* (Os Deuses dos Egípcios) usado como uma invocação de Osíris, constitui um exemplo bem melhor. Foi necessário fazer uma espécie de edição dele já que era demasiado longo e disperso.

"Salve, senhor Osíris. Salve, senhor Osíris. Salve, senhor Osíris.

"Salve, salve, formoso moço, vem ao teu templo prontamente pois nós não vemos a ti. Salve, formoso moço, vem ao teu templo e te aproxima após tua partida de nós.

"Salve, tu que comandas ao longo da hora, que cresces exceto em sua estação. Tu és a imagem exaltada de teu pai Tenen, tu és a essência oculta que provém de Atmu. Ó tu, Senhor, ó tu Senhor, quão maior és tu que teu pai, ó tu filho primogênito do útero de tua mãe. Retorna a nós novamente com aquilo que a ti pertence e nós te abraçaremos; não nos deixa, ó rosto belo e grandemente amado, tu imagem de Tenen, tu, o viril, tu senhor do amor. Vem em paz e permita-nos ver, ó nosso Senhor

"Salve, Príncipe, que provém do útero ... da matéria primeva. Salve, Senhor de multidões de aspectos e formas criadas, círculo de ouro nos templos; senhor do tempo e doador de anos. Salve, senhor da vida por toda a eternidade; senhor de milhões e miríades, que brilha tanto no nascer quanto no pôr do sol. Salve, tu senhor do terror, tu, o poderoso do tremor.

"Salve, senhor das multidões de aspectos, tanto macho quanto fêmea; tu és coroado com a Coroa Branca, tu Senhor da Coroa *Urerer*. Tu Bebê santo de Her-hekennu, tu filho de Ra, que senta no Barco de Milhões de anos, tu Guia do Repouso! Vem para os teus sítios ocultos.

"Salve, tu senhor que és auto-produzido. Salve, tu cujo coração é tranquilo, vem a tua cidade. Tu, amado dos deuses e deusas que mergulhaste a ti mesmo em Nu, vem ao teu templo; tu estás no Tuat, vem para tuas oferendas... .

"Salve, tu flor santa da Grande Casa. Salve, tu que trazes o cordame santo do barco de Sekti; tu Senhor do Barco de Henu que renovas tua juventude no sítio secreto, tu Alma perfeita... Salve, tu oculto, que és conhecido da humanidade.

"Salve! Salve! Tu efetivamente brilhas sobre aquele que está no Tuat e efetivamente mostras a ele o Disco, tu Senhor da Coroa Ateph. Salve, ó poderoso do terror, tu que nascas em Tebas, que floresces para sempre. Salve, tu alma viva de Osíris coroado com a lua. "

Um outro ritual proveniente de fontes egípcias é o Hino a Amon-Ra, que reproduzimos aqui a partir do famoso *Harris Magical Papyrus*.

"Ó Amon oculto no centro de seu olho, espírito que brilha no olho sagrado, adoração para os Transformadores Santos, para aqueles que não são conhecidos! Brilhantes são suas formas veladas num fulgor de Luz.

"Mistério dos Mistérios, Mistério Ocultado, Salve Tu no meio dos céus. Tu, que és Verdade, geraste os deuses. Os signos da Verdade estão em teu misterioso santuário. Por ti se faz tua mãe Meron brilhar. Tu tornas manifestos raios que iluminam. Tu circundas a Terra com tua luz até retornares à montanha que está no País de Aker. Tu és adorado nas águas. A terra fértil te adora. Quando teu cortejo passa pela montanha oculta o animal selvagem se ergue em sua toca, os espíritos do Oriente te louvam, temem a luz de teu disco. Os espíritos do Khenac te aclamam quando tua Luz brilha em seus rostos. Tu atravessas um outro céu que não é possível ao teu inimigo atravessar. O fogo de teu calor ataca o monstro Ha-her. O peixe Teshtu guarda as águas ao redor de tua barca. Tu comandas a morada do monstro Oun-ti, que Nub-ti golpeia com sua espada.

"Este é o deus que se apoderou do céu e da terra em sua tempestade. Sua virtude é poderosa para destruir seu inimigo. Sua lança é o instrumento de morte para o monstro Oubn-ro. Agarrando-o subitamente ele o subjuga; ele se faz mestre dele e o força a reingressar em sua morada; então ele devora seus olhos e nisto está seu triunfo; o monstro é então devorado por uma chama ardente; da cabeça aos pés todos os seus membros queimam em seu calor. Tu trazes teus servos ao porto com um vento favorável. Sob ti, os ventos encontram paz. Tua barca regozija, tuas sendas são ampliadas porque tu venceste os caminhos do autor do mal.

"Velejai, estrelas errantes! Velejai, astros resplandecentes; vós que viajais com os ventos! Pois tu estás repousando no seio do céu, tua mão te abraça; quando tu chegas ao horizonte ocidental a terra abre os braços para receber-te. Tu que és venerado por todas as coisas existentes! "

As poucas últimas linhas da invocação acima, pode-se notar, se acham num plano muito mais elevado de poesia do que o corpo principal da invocação. Trata-se de uma peroração extremamente boa. Estes rituais devem ser objeto de muito estudo e à luz de princípios da Cabala uma considerável quantidade de filosofia pode deles extraída e neles percebida.

Um ritual que desde algum tempo se tornou geralmente conhecido como a "Invocação do Não-nascido" parece a este autor um dos melhores por ele conhecido. O mais antigo registro que dele se descobriu se acha numa obra intitulada *Fragment of a Graeco-Egyptian Work upon Magic* (Fragmento de uma Obra Greco-egípcia sobre Magia), de Charles Wycliffe Goodwin, M. A., publicada em 1852 para a *Cambridge Antiquarian Society*. Reimpresso no século passado no final da década de noventa por Budge em *Egyptian Magic* (Magia Egípcia), esse ritual tornou-se largamente conhecido entre os devotos da teurgia e foi cuidadosamente editado e elaborado por magos experientes. Reproduzimos abaixo a versão aperfeiçoada.

"Tu eu invoco, o Não-nascido.

"Tu que criaste a Terra e os Céus.

"Tu que criaste a Noite e o Dia.

"Tu que criaste as trevas e a Luz.

"Tu és Osorronophris, que nenhum homem viu em tempo algum.

"Tu és Iabas. Tu és Iapos. Tu distinguiste entre o justo e o injusto. Tu produziste a fêmea e o macho.

"Tu produziste a Semente e o Fruto. Tu formaste homens para se amarem entre si e se odiarem entre si.

"Eu sou *Mosheh** teu Profeta** ao Qual tu confiaste teus Mistérios, as cerimônias de Israel.

* Aqui o mago pode inserir seu próprio nome e lugar na hierarquia mágica.

** Moisés. (N. T.)

"Tu produziste o úmido e o seco, e aquilo que nutre todas as coisas criadas.

"Que tu me ouça, pois eu sou o Anjo de Paphro Osorronophris; este é Teu Verdadeiro Nome, entregue aos Profetas de Israel.

"Ouve-me: Ar: Thiao: Rheibet: Atheleberseth: A ; Blatha: Abeu: Ebeue: Phi: Thitasoe: Ib: Thiao.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre a terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e cada Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Eu te invoco, o Deus Terrível e Invisível, que habitas o Sítio Vazio do Espírito: Arogorobrao: Sothou: Modorio: Phalarthao: Doo: Apé: O Não-nascido.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia, e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Ouve-me: Roubriao: Mariodam: Balbnabaoth: Assalonai: Aphnaio: I ; Thoteth: Abrasar: Aeouu: Ischure, Poderoso e Não-nascido.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Eu te invoco: Ma: Barraio: Ioel: Kotha: Athorebalo: Abraoth!

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Ouve-me! Aoth: Abaoth: Basum: Isak: Sabaoth: Isa !

"Este é o Senhor dos Deuses! Este é o Senhor do Universo! Este é Aquele que os Ventos temem!

"Este é Aquele Que tendo feito a Voz por seu Mandamento é Senhor de todas as Coisas, Rei, Governante e Auxiliador.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Ouve-me: Ieou: Pur ; Iou: Pur: Iaot: Iaeo: Ioou: Abrasar: Sabrium: Do: Uu: Adonaie: Ede: Edu: Angelos ton Theon: Anlala Lai: Gaia: Ape: Diarthana Thorun.

"Eu sou Ele! O Espírito Não-nascido! tendo visão nos Pés! Forte e o Fogo Imortal!

"Eu sou Ele! A Verdade!

"Eu sou

Ele! Quem odeia que o mal seja lavrado no Mundo!

"Eu sou Aquele que ilumina e troveja. Eu sou Aquele do Qual procede a Abundância da Vida da Terra: Eu sou Aquele cuja boca sempre flameja: Eu sou Ele: O Gerador e o Manifestador diante da Luz.

"Eu sou Ele: A Graça do Mundo!

" 'O Coração com uma Serpente como Cinta ' é o meu Nome!

"Vem e segue-me, e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

IAO: SABAO

" Tais são as palavras! "

Talvez um tipo ainda melhor de invocação aos deuses é o que apresentaremos a seguir. Há muitos teurgos que o preferem, como modalidade de ritual, ao precedente. A invocação de Thoth que citarei se baseia muito largamente no Livro dos Mortos, principalmente no capítulo da *Saída pelo Dia* e uma seção contendo uma alocução sacerdotal ao faraó citada por Maspero. O ritual completo, entretanto, não mostra quaisquer sinais de colcha de retalhos, sendo perfeitamente coerente, consistente e estático.

"Ó Tu, Majestade da Divindade, Tahuti Coroado de Sabedoria, Senhor dos Portais do Universo, a Ti, a Ti eu invoco!

"Ó Tu cuja cabeça é como uma Íbis, a Ti, a Ti eu invoco!

"Tu que seguras em Tua mão direita o bastão mágico do Poder Duplo e que portas em tua mão esquerda a Rosa e a Cruz da Luz e da Vida, a Ti, a Ti eu invoco!

"Tu cuja cabeça é como Esmeralda, e cuja *nêmis* como o azul do céu noturno, a Ti, a Ti eu invoco!

"Tu cuja pele é de laranja flamejante como se ardesse numa fornalha: a Ti, a Ti eu invoco!

"Vê, eu sou ontem, Hoje e o irmão do Amanhã! Eu nasço de novo e de novo. A mim pertence a força invisível da qual os deuses se originam, a qual dá vida aos habitantes das torres de vigia do Universo.

"Eu sou o auriga no Oriente, Senhor do Passado e do Futuro, o qual vê por sua própria luz interior. Eu sou o Senhor da Ressurreição, que assoma do crepúsculo e cujo nascimento procede da Casa da Morte. Ó vós dois falcões divinos que sobre vossos pináculos mantêm a vigilância do Universo! Vós que acompanhais o esquife a sua Casa de Repouso, que pilotam o Barco de Ra sempre avançando às alturas do céu! Senhor do Santuário que fica no centro da Terra!

"Vê! Ele está em mim e Eu Nele! Meu é o brilho com o qual Ptah flutua sobre seu firmamento! Eu viajo pelas alturas! Eu piso o firmamento de Nu! Eu ergo uma flama cintilante com o relâmpago de meu olho, sempre investindo para a frente no esplendor do diariamente glorificado Ra, outorgando minha vida aos habitantes da Terra. Se eu digo *Subi às montanhas* as águas celestiais fluirão ante minha palavra, pois eu sou Ra encarnado; Kephra criado na carne! Eu sou o *eidolon* do meu Pai Tmu, Senhor da Cidade do Sol.

"O deus que comanda está em minha boca. O Deus da Sabedoria está em meu coração. Minha língua é o santuário da Verdade; e um deus senta sobre meus lábios. Minha palavra é comprida todos os dias e o desejo de meu coração realiza a si mesmo como aquele de Ptah quando ele cria suas obras. Visto que eu sou Eterno tudo atua de acordo com meus desígnios, e tudo acata minhas palavras.

Portanto que Tu venhas a Mim de Tua Morada no Silêncio, Sabedoria Impronunciável, Toda-Luz, Toda-Poder.

"Thoth, Hermes, Mercúrio, Odin. Por qualquer nome que chame a Ti, Tu és ainda *i-Nomeado* e Sem Nome para a Eternidade. Que tu venhas, eu digo, e ajuda-me e guarda-me nesta obra da Arte.

"Tu estrela do Oriente que realmente conduziste os Magos. Tu estás identicamente toda presente no Céu e no Inferno. Tu que vibras entre a Luz e as Trevas, ascendendo, descendo, mudando para sempre, e no entanto sempre a mesma. O Sol é Teu Pai! Tua Mãe, a Lua! O Vento Te gerou em seu seio: E a terra sempre nutriu a Divindade Imutável de Tua Juventude.

"Vem, eu digo, vem e faz todos os espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo encantamento e flagelo de Deus possam prestar obediência a mim! "

Poucos entre os aprendizesde magia da atualidade sabem que o grande neoplatônico Proclo compôs vários hinos e invocações. A maior parte, infelizmente, se perdeu, apenas uns poucos tendo sido preservados e nos tornado acessíveis. Thomas Taylor traduziu cinco desse hinos e os publicou em 1793 num apêndice do seu livro intitulado *Sallust on the Gods and the World*. Todos os cinco são sumamente bons e será proveitoso que o aprendizse familiarize com eles. A fim de dar uma idéia do seu valor, reproduzimos aqui o Hino ao Sol.

"Ouve Titã dourado! Rei do fogo mental,
Regente da luz; a Ti supremo pertence
A chave esplêndida da fonte prolífica da vida;
E das alturas Tu vertes correntes harmônicas
Em rica abundância nos mundos da matéria.
Ouve! pois elevado nas alturas acima de planícies etéreas,
E no brilhante orbe intermediário do mundo Tu reinas
Enquanto todas as coisas por Teu soberano poder são preenchidas
Com zelo que estimula a mente, providencial.
Os fogos das estrelas circundam Teu fogo vigoroso,
E sempre numa dança infatigável, incessante,
Sobre a terra de seios largos o rocio vívido se difunde.
Por Teu curso perpétuo e reiterado
As horas e estações em sucessão de desenrolam;
E elementos hostis cessam seus conflitos,
Logo que contemplam Teus raios tremendos, grande Rei;
De divindade inefável e nascido secreto...
Ó melhor dos deuses, *dáimon* coroadado de fogo,
Imagem de todo o bem que a natureza produz,
E o condutor da alma ao domínio da luz –
Ouve! e purifica-me das manchas da culpa;
Recebe a súplica de minhas lágrimas,
E cura minhas feridas maculadas de pernicioso sangue coagulado;
Os castigos incorridos pelo pecado perdoa,
E mitiga o olho ágil, sagaz
Da justiça sagrada, sem limites em seu parecer.
Por Tua lei pura, dos males horrendos constante inimiga,
Dirige meus passos, e despeja Tua luz sagrada
Em rica abundância sobre minha alma anuviada;

Dissipa as sombras sinistras e malignas
De escuridão, prenes de aflições envenenadas,
E ao meu corpo força adequada proporciona,
Com saúde, cuja aparência esplêndidas dádivas concede.
Dá fama duradoura; e possas o zelo sagrado
Com o qual as musas de belos cabelos presenteiam, que outrora
Meus pios ancestrais preservaram, ser meu.
Ajunta, se a Ti agrada, onigeneroso deus,
Riquezas duradouras, a recompensa do piedoso;
Pois poder onipotente investe Teu trono,
Com força imensa e regra universal.
E se o eixo giratório dos destinos
Ameaçar das teias de estrelas a destruição medonha,
Teus raios retumbantes com força irresistível serão enviados .
E vencerão antes de precipitar-se a calamidade iminente. "

Desejo apresentar mais uma *invocação* desta mesma categoria antes de prosseguir fazendo citações dos rituais usados em cerimônias de *evocação*. Fui obrigado, infelizmente, a omitir grande parte do ritual abaixo, por motivos de espaço, e tal como apresentado aqui corresponde a aproximadamente à metade de sua extensão correta. Escrito por Crowley e publicado por ele em *Oracles* é baseado em certas fórmulas mágicas e documentos que eram usados na *Ordem Hermética da Golden Dawn*. Sua excelência e fervor dispensam meus comentários.

"Ó Eu divino! Ó Senhor Vivo de Mim!
Flama de fulgor próprio, gerada do além!
Divindade imaculada! Célere língua de fogo,
Acesa a partir daquela incomensurável luz,
O ilimitado, o imutável. Vem,
Meu deus, meu amante, espírito do meu coração,
Coração de minha alma, branca virgem da Aurora,
Minha Rainha de toda perfeição, vem
De Tua morada além dos Silêncios
A mim, o prisioneiro, eu, o homem mortal,

Feito santuário neste barro: vem, eu digo, a mim,
Inicia minha alma excitada; aproxima-te
E deixa a glória de Tua Divindade brilhar
Mesmo para a Terra, Teu plinto
Tu Anjo Majestoso de minha Vontade Superior,
Forma em meu espírito um fogo mais sutil
De Deus, para que eu possa compreender mais
A pureza sagrada de Tua divina
Essência! Ó Rainha, ó Deusa da minha vida,
Luz não-gerada, faísca cintilante
Do Todo-Eu! Ó Santa, santa Esposa
De meu pensamento mais à divindade semelhante, vem! Eu digo
E Te manifesta ao Teu venerador...
Meu Eu real! Vem, ó deslumbrante
Envolvida na glória do Sítio Sagrado
De onde chamei a Ti: Vem a mim
E permeia meu ser até que meu rosto
Brilhe com Tua luz refletida, até que minhas sobrancelhas
Raiem com Teu símbolo estrelado, até que minha voz
Alcance o Inefável; vem, eu digo,
E faz-me uno Contigo; que todos os meus caminhos
Possam resplandecer com a santa influência
Que eu possa ser julgado digno no fim
Para sacrificar perante o Santíssimo...
Ouve-me!
Eca, zodocare, Iad, goho,
Torzodu odo Kikale qaa!
Zodacare od zodameranu!
Zodorje, lape zodiredo Ol

Noco Mada, das Iadapiel!

I las! Hoatahe Iaida!

Ó coroadada com a luz das estrelas! alada com esmeraldas
Mais larga que o Céu! Ó azul mais profundo
Do abismo das águas! Ó Tu flama
Que cintila através de todas as cavernas da noite,
Línguas saltando do incomensurável
Subindo através dos resplandecentes precipícios imanifestos
Para o Inefável! Ó Sol Dourado!
Glória vibrante do meu Eu superior!
Eu ouvi Tua voz ressoando no Abismo:
'Eu sou o único Ser nas profundezas
Da Escuridão: deixa-me ascender e preparar-me
Para trilhar o caminho das Trevas: mesmo assim
Posso atingir a luz. Pois do Abismo
Vim antes de meu nascimento: destes salões sombrios
E silêncio de um sono primevo! E Ele,
A Voz das Idades, respondeu-se e disse:
Vê! Pois eu sou Aquele que formula
Na Escuridão! Filho da Terra! a luz com efeito brilha
Nas trevas, mas as trevas não entendem
Raio algum dessa luz iniciadora!
... Não me deixa só,
Ó Espírito Sagrado! Vem para confortar-me,
Atrair-me e fazer-me manifesto,
Osíris ao mundo choroso; que eu
Seja erguido sobre a Cruz do Sofrimento
E do sacrifício, para atrair toda a espécie humana
E todo germe de matéria que possua vida,

Mesmo depois de mim, ao inefável
Reino de Luz! Ó santa, santa Rainha!
Pemite que Tuas amplas asas me abriguem!
Eu sou a Ressurreição e a Vida!
O Reconciliador da Luz e das Trevas,
Eu sou Aquele que resgata as coisas mortais,
Eu sou a Força na Matéria manifesta.
Eu sou a Divindade manifesta na carne.
Eu me posto acima, entre os Santos,
Eu sou todo purificado através do sofrimento.
Todo-perfeito no sacrifício místico,
E no conhecimento de minha Individualidade feito
Uno com os Senhores Eternos da Vida
O glorificado pelo julgamento é o meu Nome.
O Resgatador da Matéria é meu Nome
Eu vejo as Trevas se precipitarem como o raio se precipita!
Eu observo as Idades como uma agitação de torrentes
Passando por mim; e como uma veste eu me livro
Das abas pegajosas do Tempo. Meu lugar está fixo
No Abismo além de todas as Estrelas e todos os Sóis.
EU SOU a Ressurreição e a Vida.
Santo és Tu, Senhor do Universo!
Santo és Tu, Cujas Naturezas não se formou!
Santo és Tu, o Vasto e Poderoso!
Ó Senhor das Trevas e ó Senhor da Luz! "

Num dos capítulos anteriores foi feita alguma referência às *invocações* de Dee e ao poder destas. Os fatos que marcam estas invocações ou chaves como foram chamadas, são, a grosso modo, os seguintes. Mais de uma centena de páginas preenchidas de letras foram obtidas por Dee e seu colega Kelly de uma maneira que ninguém ainda em absoluto compreendeu. Dee teria, por exemplo, diante de si uma ou mais dessas tabelas, via de regra de 49" X 49", algumas cheias, algumas com letras apenas sobre quadrados alternados, na superfície de uma escrivinha. Sir Edward Kelly sentaria junto ao que

eles chamavam de *Mesa Sagrada* e fitaria uma bola de cristal ou cristal no qual, depois de algum tempo, veria um *Anjo* que apontaria com um bastão para as letras de uma daquelas tabelas sucessivamente. A Dee, Kelly comunicaria que o Anjo apontava, por exemplo, a coluna 4, fileira 29 da tabela, aparentemente não mencionando a letra que Dee encontrava na tabela diant e de si e registrava. Quando Anjo terminava sua instrução, a mensagem era reescrita de trás para diante. Teria sido ditada totalmente errada pelo Anjo por ser considerada demasiado perigosa para ser comunicada de uma maneira direta, cada palavra sendo uma conjuração tão poderosa que sua enunciação e menção diretas teriam evocado poderes e forças naquele momento indesejáveis.

Reescritas ao inverso, essas invocações pareciam escritas numa linguagem que os dois magos chamavam de *enoquiano*. Longe de se tratar de um jargão sem significado, o enoquiano possui gramática e sintaxe próprias, como pode ser percebido pela consulta de Casaubon que traduziu muitas das chaves. Muitos o julgam bem mais sonoro e expressivo que o próprio grego e o sânscrito, as traduções para o inglês, embora em alguns trechos de difícil compreensão, contendo maravilhosas passagens detentoras de uma sustentada sublimidade e uma potência lírica que muitos poetas e até a Bíblia não superam.

Por exemplo: "Podem as Asas do Vento compreender vossas vozes de Prodígio? Ó vós o Segundo do Primeiro, quem as chamais ardentes acomodaram nas profundezas de minhas Maxilas! Quem eu preparei como taças para um casamento ou como flores em sua beleza para a câmara da Justiça. Vossos pés são mais vigorosos do que a pedra infrutífera: e vossas vozes mais fortes que os ventos múltiplos! Pois vós vos tornais uma construção tal como não é exceto na mente do Todo-Poderoso. "

Existem dezenove dessas Chaves; as duas primeiras evocam o elemento chamado *Espírito*, as dezesseis seguintes invocam os quatro elementos, cada uma com quatro subdivisões. A décima nona pode ser empregada para invocar qualquer um dos chamados *Trinta Aethyrs* pela mudança de uma ou duas palavras especiais. Cito abaixo mais uma dessas *chaves* em enoquiano seguida de uma tradução:.

" Ol Sonuf Vaoresaji, gohu IAD Balata, elanusaha caelazod; sobrazod ol Roray i ta nazodapesad, Giraa ta maelpereji, das hoel ho qaa notahoa zodimezod, od comemahe ta nobeloha zodien; soba tahil ginonupe perje aladi, das vaurebes obolehe giresam. Casarem ohorela caba Pire: das zodonurenusagi cab: erem Iadanahe. Pilae farezodem zodernurezoda adana gono Iadapiel das homo-tohe; soba ipame lu ipamis: das sobolo vepe zodomeda poamal, od bo gira sai ta piapo Piamoel od Vaolan. Zodacare, eca od zodameranu! odo cicale Qaa; zodorje, lape zodiredo Noco Mada, Hathahe IAIDA! "

"Eu reino sobre vós, diz o Deus da Justiça, em poder exaltado acima do Firmamento da Ira, em cujas mãos o Sol é como uma espada e a Lua como um fogo penetrante; quem mede vossas Vestes no meio de minhas Vestimentas e vos atou como as palmas de minhas mãos; cujos assentos eu guarneci com o Fogo da Coleta e embelezei vossas vestes com admiração; para quem eu produzi uma lei para governar o Santíssimo, e entreguei a vós uma Vara , com a Arca do Conhecimento. Ademais, vós ergu estes vossas vozes e jurastes obediência e fé Àquele que vive e triunfa, cujo princípio não é, nem o fim pode ser; que brilha como flama no meio de vossos palácios e reina entre vós como o equilíbrio da justiça e da verdade.

"Movei, pois, e mostrai-vos! Abri os mistérios de vossa criação. Sede amistosos comigo pois eu sou servo do mesmo Deus que é o vosso, o verdadeiro Adorador do Altíssimo."

Embora via de regra os exemplares de rituais apresentados por Éliphas Lévi em seus diversos escritos sejam de qualidade muito precária e não se prestam em absoluto ao seu emprego prático, há uma notável exceção em seu *Dogma e Ritual de Alta Magia*. Ele chama este ritual de *Oração aos Silfos*.

"Espírito de Luz, Espírito de Sabedoria, cujo alento concede e retira a forma de todas as coisas; Tu diante de quem a vida de todo ser é uma sombra que transforma e um vapor que desvanece; Tu que ascendes às nuvens e com efeito voas sobre as asas do vento; Tu que expiras e as imensidades ilimitadas são povoadas; Tu que aspiras e tudo que de Ti brotou a Ti retorna; movimento sem fim na estabilidade eterna, sê Tu abençoado para sempre!

"Nós Te louvamos, nós Te abençoamos no império fugaz da luz criada, das sombras, reflexões e imagens: e nós aspiramos incessantemente ao Teu esplendor imutável e imperecível. Possa o raio de Tua inteligência e o calor de Teu amor descer sobre nós; que aquilo que é volátil será fixo, a sombra se converterá em corpo, o espírito do ar receberá uma alma e o sonho será pensamento. Não mais seremos varridos ante a tempestade, mas teremos à rédea os corcéis alados da manhã e guiaremos o curso dos ventos da noite, de modo que possamos fugir para a Tua presença. Ó Espírito dos Espíritos, ó Alma eterna das Almas, ó Imperecível Alento da Vida, ó Suspirar Criativo, ó Boca que com efeito expira e retrai a vida de todos os seres no fluxo e refluxo de Teu eterno discurso, que é o oceano divino de movimento e de verdade! "

Todos os rituais seguintes tratam do ramo da magia que diz respeito à *evocação dos espíritos* e exige poucos comentários ou explicações além do que já foi fornecido nos capítulos em que esse assunto é abordado. A forma da Segunda Conjuração de *A Goécia*, o melhor desta obra, é assim:

"Eu te invoco, conjuro e ordeno, Tu espírito N., a aparecer e te mostrares visivelmente a mim diante deste *círculo*, sob aspecto atraente e agradável, destituído de qualquer deformidade ou tortuosidade, pelo nome e no nome IAH e VAU, que Adão ouviu e falou; e pelo nome de Deus AGLA, que Lot ouviu e foi salvo com sua família; e pelo nome IOTH que Jacó ouviu do Anjo em luta com ele e foi liberto da mão de Esaú, seu irmão; e pelo nome ANAPHAXETON, que Aarão ouviu e falou e foi feito sábio; e pelo nome ZABAOth, que Moisés nomeou, e todos os rios foram transformados em sangue; e pelo nome ASHER EHYEH ORISTON, que Moisés nomeou e todos os rios produziram rãs e estas entraram nas casas destruindo todas as coisas; e pelo nome ELION, que Moisés nomeou e houve grande chuva de granizo como jamais houvera desde o princípio do mundo; e pelo nome ADONAI, que Moisés nomeou e ali surgiram gafanhotos que se espalharam por toda a terra, e devoraram tudo que a granizo deixara; e pelo nome SCH EMA AMATHIA, que Josué invocou e o sol suspendeu seu curso; e pelo nome ALPHA e OMEGA, que Daniel nomeou e destruiu Bel e matou o dragão; e no nome EMMANUEL, que as três crianças, Shadrach, Meshach e Abednego, entoaram no meio da fornalha ígnea, e foram libertados; e pelo nome HAGIOS; e pelo Selo de ADONAI; e por ISCHYROS, ATHANATOS, PARACLETOS; e por O THEOS, ICTROS, ATHANATOS e por estes três nomes secretos AGLA ON TETRAGRAMMATON eu intimo e constranjo a ti. E por estes nomes, e por todos os outros no mes do Deus VIVO e VERDADEIRO, o SENHOR TODO-PODEROSO, e exorcizo e ordeno a ti, ó *espírito* N., mesmo por Aquele que proferiu a Palavra e foi feito, e ao qual todas as criaturas obedecem; e pelos terríveis julgamentos de Deus; e pelo incerto *Mar de Vidro* que está diante da Majestade divina, vigorosa e poderosa;

pelas quatro bestas perante o trono que têm olhos na frente e atrás; pelo fogo ao redor do trono; pelos santos anjos do Céu; e pela poderosa sabedoria de Deus, eu com p oder exorcizo a ti para que apareças aqui diante deste *círculo* a fim de satisfazer minha vontade em todas as coisas que a mim se afigurarão boas; pelo Selo de BASDATHEA BALDACHIA; e por este nome PRIMEUMATON, que Moisés nomeou, e a terra se abriu e com efeito tragou Kora, Dathan e Abiram. Por conseguinte, tu darás respostas fidedignas a todas as minhas demandas, ó *espírito* N., e realizarás todos os meus desejos na medida da capacidade de tua posição. Portanto, vem, visível, pacífica e afavel mente, agora sem demora, a fim de manifestar aquilo que eu desejo, falando com voz clara e perfeita, inteligivelmente, e para meu entendimento."

Em *The Magus*, Barrett apresenta uma ligeira variação do ritual acima. Idêntico à versão da *Goécia* até o trecho que menciona Kora, Dathan e Abiram, excetuando alguma alterações secundárias, principalmente referentes a nomes, segue-se uma seção inteira que é exclusiva ao ritual de Barrett, merecendo a citação aqui devido à presença dos nomes bárbaros.

"E no poder daquele nome PRIMEUMATON, comandando toda a hoste do céu, nós vos amaldiçoamos e vos despojamos de vossa função, alegria e posição e com efeito vos prendemos nas profundezas do poço de fundo para que aí permaneçais até o dia terrível do juízo final; e vos prendemos ao fogo eterno, e ao lago de fogo e enxofre, a menos que apareçais incontinenti diante deste círculo para executar nossa vontade; por conseguinte, vinde por estes nomes ADONAI, ZABAOTH, ADONAI, AMIORAM, vind e, vinde, vinde, Adonai ordena; Sadai, o mais poderoso Rei dos Reis, cujo poder nenhuma criatura é capaz de resistir seja para vós sumamente medonho, a menos que obedeceis, e de imediato apareci afavelmente diante deste círculo, que a chuva do infortúnio e o fogo inextinguível permaneçam com vós; e portanto vinde em nome de Adonai, Zabaoth, Adonai, Amioram; vinde, vinde, vinde, por que retardais? Apressavos! Adonai, Sadai, o Rei dos Reis vos ordenam: El, Aty, Titcip, Azia, Hin, Hen, Miosel, Achadan, Va y, Vaah, Eye, Exe, A, El, El, El, A, Hau Hau, Vau, Vau, Vau."

Dos métodos de Honório* extraí a invocação que se segue, tendo-a condensado ligeiramente. Porquanto se trata de uma evocação do *espírito* Rei Amaimon, que figura como um dos *hierarcas* em *A Goécia*, e visto que sua comemoração tem teor cristão, é reproduzida abaixo para que uma comparação possa ser efetuada com o ritual precedente, de teor judaico.

* Papa Honório III, pontífice de 1216 a 1227. (N. T.)

"Ó tu Amaimon, Rei e Imperador das partes do norte, eu te chamo, invoco, exorcizo e conjuro pela virtude de poder do Criador, e pela virtude das virtudes, a me enviar logo e sem demora Madael, Laaval, Bamlahe, Belem e Ramath, com todos os outros espíritos submetidos a ti, sob forma agradável e humana! Em qualquer lugar que estejas agora, aproxima-te e rende aquela honra que deves ao verdadeiro Deus vivo que é teu Criador. Eu te exorcizo, te invoco e sobre ti imponho o mais elevad o mandamento pela onipotência do Deus sempre vivo, e do Deus verdadeiro; pela virtude do Deus santo e o poder DELE que falou e todas as coisas foram feitas, e mesmo pelo Seu santo mandamento os céus e a Terra foram feitos, com tudo que neles está contido! Eu intimo a ti pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, mesmo pela Santa Trindade, pelo Deus ao qual não podes resistir, sob cujo império compeliarei a ti: eu te conjuro por Deus-Pai, pelo Deus-Filho, pelo Deus-Espírito Santo, pela Mãe de Jesus Crist o, Santa Mãe e Perpétua Virgem, por seu sagrado coração, por seu leite abençoado que o Filho do Pai

sugava, por seu corpo e alma santíssimos, por todas as partes e membros dessa Virgem, por todos os sofrimentos, aflições, trabalhos, agonias que ela suportou durante todo o curso da vida Dele, por todos os suspiros que ela deu, pelas santas lágrimas que ela verteu enquanto seu querido Filho chorava antes da ocasião de Sua dolorosa Paixão e sobre o madeiro da Cruz, por todas as coisas sagradas e santas que são ofertadas e feitas, e também por todas as outras, tanto no céu como na Terra em honra de nosso Salvador Jesus Cristo, e de Maria Abençoada, Sua Mãe, por tudo que seja celestial. Conjuro-te pela Santa Trindade, pelo sinal da Cruz, pelo mais precioso sangue e água que jorraram do flanco de Jesus, pelo suor que escorreu de todo Seu corpo, quando Ele disse no Jardim das Oliveiras: 'Pai, se for tua vontade, afasta de mim este Cálice'; por Sua morte e paixão, por Seu sepultamento e gloriosa ressurreição, por Sua ascensão, conjuro-te também pela coroa de espinhos que foi colocada sobre Sua cabeça, pelo sangue que escorreu de Seus pés e mãos, pelos pregos com os quais Ele foi pregado ao madeiro da Cruz, pelas lágrimas santas que Ele derramou, por tudo que Ele sofreu voluntariamente por grande amor a nós, por todos os membros de nosso Senhor Jesus Cristo.

"Eu te conjuro pelo julgamento dos vivos e dos mortos, pelas palavras do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, pelas Suas pregações, por seus dizeres, por todos Seus milagres, pela criança em faixas, pela criança chorosa gerada pela mãe em seu útero mais puro e virginal, pela gloriosa intercessão da Virgem Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, e por tudo que é de Deus e da Mãe Santíssima, tanto no céu como na Terra. Eu te conjuro, ó tu grande Rei Amaimon, pelos Santos Anjos e Arcanjos, e por todas as ordens abençoadas de *espíritos*, pelos santos patriarcas e profetas, e por todos os santos mártires e confessores, por todas as virgens santas e viúvas inocentes, e por todos os Santos de Deus."

Muito similar a este ritual é o que se segue, transcrito de *A Chave de Salomão, o Rei*. Trata-se, entretanto, de uma invocação cabalística, não contendo quaisquer elementos. O principal ponto a despertar interesse é que depois do próêmio, cada parágrafo é uma conjuração por e através do nome e poder de cada uma das *Sephiroth* da Árvore da Vida. Este ritual é o primeiro ritual evocatório da *Chave*, o segundo sendo muito semelhante realmente à segunda conjuração da *Góécia*.

"Ó vós Espíritos, vós eu conjuro pelo Poder, Sabedoria e Virtude do Espírito de Deus, pelo incriado Conhecimento Divino, pela extensa Misericórdia de Deus, pela Força de Deus, pela Grandeza de Deus, pela Unidade de Deus, e pelo Nome Santo EHEIEH, que é a raiz, tronco, fonte e origem de todos os outros nomes divinos, daí extraindo todos eles sua vida e sua virtude as quais tendo Adão invocado, adquiriu ele o conhecimento de todas as coisas criadas.

"Eu vos conjuro pelo nome indivisível IOD, que marca e expressa a Simplicidade e a Unidade da Natureza Divina, que tendo Abel invocado mereceu escapar das mãos de Caim, seu irmão.

"Eu vos conjuro pelo nome TETRAGRAMMATON ELOHIM, que expressa e significa a Grandeza de uma Majestade tão sublime, que tendo Noé pronunciado, o salvou e protegeu a ele mesmo com toda sua casa das Águas do Dilúvio.

"Eu vos conjuro pelo nome do Deus EL forte e prodigioso, que denota a Misericórdia e Bondade de Sua Majestade Divina, que tendo Abraão o invocado, foi julgado digno de vir da ur dos caldeus.

"Eu vos conjuro pelo mais poderoso nome de ELOHIM GIBOR, que exhibe a força de Deus, de um Deus todo-poderoso, que pune os crimes dos perversos, que busca e castiga as iniquidades dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta gerações; que tendo Isaque invocado, foi julgado digno de escapar da espada de Abraão, seu pai.

"Eu vos conjuro e vos exorcizo pelo nome mais santo de ELOAH VA-DAATH, que Jacó invocou quando mergulhado em grande problema, e foi julgado digno de ostentar o nome de Israel, que significa Vencedor de Deus, e foi libertado da fúria de Esaú, seu irmão.

"Eu vos conjuro pelo nome mais potente de EL ADONAI TSABAOTH, que é o Senhor dos Exércitos, governando nos Céus, que José invocou, e foi julgado digno de escapar das mãos de seus Irmãos.

"Eu vos conjuro pelo nome mais potente de ELOHIM TSABAOTH, que expressa piedade, misericórdia, esplendor e conhecimento de Deus, o qual foi invocado por Moisés, ele foi julgado digno de libertar o povo de Israel do Egito, e da servidão ao Faraó.

"Eu vos conjuro pelo mais potente nome de SHADDAI, que significa fazer o bem a todos; e que Moisés invocou e tendo golpeado o Mar, este se dividiu em duas partes ao meio, do lado direito e do esquerdo. Eu vos conjuro pelo mais santo nome de EL CHAI, que é aquele do Deus Vivo, de cuja virtude a aliança conosco e a redenção para nós foram feitas; e que Moisés invocou e todas as águas retornaram ao seu estado prévio e envolveram os egípcios, de modo de nenhum deles escapou para levar as notícias à terra de Mizraim.

"Finalmente, eu vos conjuro todos, vós Espíritos rebeldes, pelo mais Santo Nome de Deus ADONAI MELEKH, que Josué invocou e interrompeu o curso do Sol em sua presença através da virtude de Methraton, sua principal Imagem; e pelas tropas de Anjos que não cessam de chorar dia e noite, QADOSCH, QADOSCH, QADOSCH, ADONAI ELOHIM TSABAOTH, que é Santo, Santo, Santo, Senhor-Deus das Hostes, Céu e Terra estão repletos de Tua Glória; e pelos Dez Anjos que presidem às Dez Sefiroth, pelas quais Deus comunica e estende Sua influência sobre coisas inferiores, as quais são *Kether, Chokmah, Binah, Gedulah, Geburah, Tiphareth, Netsach, Hod, Yesod* e *Malkuth*.

* Ou *Chesed*. (N. T.)

"Eu vos conjuro novamente, ó Espíritos por todos os Nomes de Deus e por todas Suas obras maravilhosas; pelos céus; pela Terra; pelo mar; por toda a profundidade do Abismo e por aquele firmamento que o próprio Espírito de Deus moveu; pelo sol e pelas estrelas; pelas águas e pelos mares e tudo neles contido; pelos ventos, os remoinhos e as tempestades; pelas virtudes de todas as ervas, plantas e pedras; por tudo que está nos céus, sobre a Terra e em todos os Abismos das Sombras.

"Eu vos conjuro novamente e vos incito poderosamente, ó Demônios, em qualquer parte que vós podeis estar, que sejais incapazes de permanecer no ar, fogo, água e terra ou em qualquer parte do universo ou em qualquer sítio agradável que possa vos atrair, mas que vós venhais prontamente cumprir nosso desejo e todas as coisas que exigimos de vossa obediência.

"Eu vos conjuro novamente pelas duas Tábuas da Lei, pelos cinco livros de Moisés, pelas Sete Lâmpadas Ardentes no Castiçal de Deus ante a face do Trono da Majestade de Deus, e pelos Santo dos Santos onde se permitiu a entrada apenas a KOHEN HAGODUL, ou seja, o Alto Sacerdote.

"Eu vos conjuro por Aquele que criou os céus e a Terra e que mediu esses céus no oco de Sua mão e encerrou a Tera com três de Seus dedos, que está sentado sobre o *Querubim* e sobre o *Serafim* e junto ao *Querubim*, que é chamado de *Kerub*, que Deus constituiu e colocou para guardar a Árvore da Vida, armado de uma espada flamejante, depois que o Homem tinha sido expulso do Paraíso.

"Eu vos conjuro novamente, Apóstatas de Deus, por Ele que sozinho executou grandes maravilhas, pela Jerusalém celestial; e pelo Mais Santo Nome de Deus em Quatro Letras, e por Aquele que ilumina todas as coisas e brilha sobre todas as coisas pelo seu Nome Venerável e Inefável, EHEIEH ASHER AHEIEH, que vinde imediatamente para realizar nosso desejo, qualquer que seja ele.

"Eu vos conjuro e vos ordeno em absoluto, ó Demônios, em qualquer parte do Universo que podeis estar, pela virtude de todos estes Nomes Santos: ADONAI, YAH, HOA, EL ELOHA, ELOHINU, ELOHIM, EHEIEH, MARON, KAPHU, ESCH, INNON, AVEN, AGLA, HAZOR, EMETH YIII ARARITHA, YOVA HAKABIR MESSIACH, IONAH MALKA, EREL KUZU, MATZPATZ, EL SHADDAI; e por todos os Nomes Santos de Deus que foram escritos com sangue no sinal de uma eterna aliança.

"Eu vos conjuro novamente por estes outros nomes de Deus, Santíssimos e desconhecidos, por virtude dos quais vós tremeis todos os dias: BARUC, BACURABON, PATACEL, ALCHEEGHEL AQUACHI, HOMORION, EHEIEH, ABBATON, CHEVON, CEBON, OYZROYMAS, CHAI, EHEIEH, ALBAMACHI, ORTAGU, NALE, ABELECH, YEZE; que vós venhais rapidamente e sem demora à nossa presença de toda região e todo clima do mundo em que vós podeis estar, para executar tudo que nós ordenaremos no Grande Nome de Deus. "

A *de Occulta Philosophia* de Agrippa contém vários rituais curtos para uso diário, sendo cada um específico para a evocação das entidades que se conformam aos dias. O ritual para domingo, por exemplo, é:

"Eu vos conjuro e vos confirmo, vós poderosos e santos anjos de Deus, no nome Adonai, Eye, Eye, Eya que Aquele que era e é, e é para vir Eye, Abray; e no nome Saday, Cados, Cados, Cados, sentado nas alturas sobre o *querubim*; e pelo grande nome do próprio Deus, forte e poderoso que é exaltado acima de todos os céus; Eye, Saraye, que criou o mundo, os céus, a terra, o mar e tudo que neles existe no primeiro dia e os selou com seu santo nome Phaa; e pelo nome dos anjos que governam no *quarto céu*, e servem diante do sumamente poderoso Salamia, um Anjo grandioso e honorável; e pelo nome de sua estrela, que é Sol, e pelo seu signo, e pelo nome imenso do Deus Vivo e por todos os nomes já ditos, eu conjuro a ti, Miguel, ó grande Anjo, que és o principal regente deste dia; e pelo nome Adonai, o Deus de Israel, eu te conjuro, ó Miguel, para que trabalhes para mim e satisfaz todas minhas petições de acordo com minha vontade e desejo em minhas causas e negócios."

Quando durante a cerimônia de *evocação* há sinais aparentes de que a manifestação do *espírito* está ocorrendo, quando a fumaça do incenso rodopia na direção do *triângulo* e

assume uma forma tangível, uma oração ou boas vindas aos *espíritos* deve ser recitada. A forma recomendada por Barrett é:

"BERALANENSIS, BALDACHIENSIS, PAUMACHIA e APOLOGIA SEDES, pelos mais poderosos reis e poderes, e os mais poderosos príncipes, gênios, *Liachidae*, ministros da sede tartárea, príncipe-chefe da Sede de Apologia, na nona região, eu vos invoco e vos invocando, vos conjuro; e estando armado de poder proveniente da suprema Majestade, eu vos ordeno com rigor, por Aquele que falou e se fez e ao qual estão submetidas todas as criaturas; e por este nome inefável, Tetragrammaton Jehova h, que sendo ouvido os elementos são derrubados, o ar é agitado, o mar retrocede, o fogo é extinguido, a terra treme, e toda a hoste dos seres celestiais, terrestres e infernais de fato tremem conjuntamente, e são transtornados e confundidos, por conseguinte, incontinenti, e sem demora, vinde de todas as partes do mundo, e dêem respostas racionais a todas as coisas que indagarei; e vinde pacífica, visível e afavelmente agora, sem demora, manifestando o que desejamos, sendo conjurados pelo nome do Deus vivo e verdadeiro, Helioren, e cumpra o que ordenamos, e persisti até o fim e em conformidade com nossas intenções, visível e afavelmente a nós falando com voz clara, inteligível e sem qualquer ambigüidade."

No mesmo livro, Francis Barrett nos apresenta uma outra breve alocução a ser recitada quando a manifestação da entidade necessária é concluída; isto é quando o *espírito* fica perfeitamente claro e visível no *triângulo*.

"Contemplai o pantáculo de Salomão que eu trouxe a vossa presença; contemplai a pessoa do *exorcista* no meio do exorcismo, que é armado por Deus, sem medo, e bem provido, que com poder vos invoca e vos chama exorcizando; vinde, portanto, com velocidade, pela virtude destes nomes: Aye, Saraye, Aye Saraye: não retardai vossa vinda, pelos nomes eternos do Deus vivo e verdadeiro, Eloy, Archima, Rabur e pelo pantáculo de Salomão aqui presente que poderosamente impera sobre vós; e por virtude dos espíritos celestiais, vossos senhores; e pela pessoa do exorcista no meio do exorcismo; sendo conjurado apressai-vos e vinde e obedeci ao vosso mestre, que é chamado Octinomos. Preparai-vos para ser obedientes ao seu mestre em nome do Senhor, Bathat ou Vachat investindo sobre Abrae, Abeor vindo sobre Aberer."

Quando todas as questões do exorcista forem devidamente respondidas pelo *espírito* evocado, e todos os desejos do mago tiverem sido tão satisfeitos que não haverá mais necessidade de retê-lo no triângulo de manifestação, dever-se-á dar a licença de partida do cenário de evocação. O procedimento costumeiro consiste em recitar uma *Licença de Partida* e a forma de Licença indicada e *A Chave de Salomão, o Rei* é a seguinte:

"Por virtude destes pantáculos e porque vós fostes obedientes e acataram aos mandamentos do Criador, senti e inalai este odor agradável e depois parti para vossas moradas e retiros; que haja paz entre nós e vós; estejai sempre prontos para vir quando fordes citados e convocados; e que possa a bênção de Deus, na medida em que sois capazes de recebê-la, estar sobre vós contanto que sejais obedientes e bem dispostos a vir a nós sem ritos solenes e observâncias de nossa parte."

APÊNDICE - LIVROS RECOMENDADOS PARA ESTUDO

The Candle of Vision, A. E. (Macmillan & Co., 1918)

Mysteries of Magic, Éliphas Lévi (Londres, 1897)

The Secret Doctrine, H. P. Blavatsky
The Holy Kaballah, Arthur Edward Waite (Williams & Norgate, 1926)
Raja Yoga, Swami Vivekananda
Introduction to the Study of the Kaballah, W. W. Westcott
The Chaldaean Oracles, W. W. Westcott
Equinox, Aleister Crowley (edição privada, 1909 – 1914)
Magick, Master Therion (Lecram Press, Paris, 1929)
The Egyptian Book of the Dead
The Sacred Magic, S. L. MacGregor Mathers (Redway, 1889)
The Key of Solomon the King (Redway, 1889)
The Ocean of Theosophy, Wm. Q. Judge
The Mysteries, Jâmblico (Trad. Thomas Taylor)
The Gods of the Egyptians, E. A. W. Budge (Methuen, 1904)
Mystical Hymns of Orpheus (Trad. Thomas Taylor)